

A propósito da «*charte presque célèbre*» de Quiza Gonteríquiz*

José António Souto Cabo
Universidade de Santiago de Compostela

RESUMO. A data de 788 que, aparentemente, consta no *Documento de Quiza Gonteríquiz* (AHUS, S. Martinho, 1) e a ocorrência, entre os atestadores, dos “reis” Silo e Ramiro fizeram com que tenha sido um dos textos mais analisados e aproveitados historicamente da nossa Alta Idade Média. Porém, os preconceitos sobre o que representa a presença desses dois confirmantes bem como alguns desacertos relativos à sua localização e cronologia impediram chegar a conclusões razoáveis sobre o estatuto diplomático e significação histórica do mesmo. A análise apurada do conteúdo e da sua natureza material levam-nos a considerá-la uma escritura autêntica e, talvez, original lavrada ca. 888 na actual comarca de Deza (Galiza). São editadas também duas escrituras relacionadas com a anterior pela presença das figuras históricas dos “reis” Silo e Ramiro.

Palavras chave: Diplomática. Linguística Histórica. História da Galiza.

ABSTRACT. 788, which is apparently the date recorded in *Quiza Gonteríquiz's document* (AHUS, S. Martinho, 1), together with the presence, among the witnesses, of “Kings” Silo and Ramiro, have made this text one of the most frequently analysed and historically quoted of our High Middle Ages. However, prejudices about that the presence of these two witnesses represents, as well as some errors concerning its location and chronology, have not allowed to draw safe conclusions about the diplomatic statute and its historical meaning. The detailed analysis of its content and its material nature lead us to consider it a real, perhaps original, document, written ca. 888 in the current region of Deza (Galicia).

Data de recepción: 21.01.2009. Data de aceptación: 20.05.2009.

* Agradecemos a ajuda que, na elaboração deste trabalho, nos foi oferecida por Ramon Chantada Acosta, Miguel Román Martínez e Xaime Varela Sieiro.

Additionally, we edit two texts connected with the previous on the basis of the presence of the historical figures of “Kings” Silo and Ramiro.

Keywords: Diplomats. Historical Linguistics. History of Galicia.

1. Introdução¹

El documento de Quiza Gonteriquiz, 788. - Este ha sido objeto de las mayores discusiones por parte de cuantos se han ocupado de él. Entre los diplomatas que lo han estudiado, nadie con tanto entusiasmo como el Sr. López Ferreiro, ni con un espíritu crítico tan exagerado como el Sr. Martínez Salazar (Lucas Álvarez 1958: 43).

Entre os fundos documentais procedentes de S. Lourenço de Carboeiro², o Arquivo Histórico da Universidade de Santiago custodia uma escritura de compra-venda outorgada por Quiza Gonteríquiz a favor de Cacaril, Gondemaro e Fonsino –cit. *DQ*–³. O facto de nela constar a data de 788 bem como o carácter original que, com maior ou menor fortuna, lhe foi reconhecido permitiram considerá-la um dos documentos mais antigos dos lavrados na Galiza, após o *Diploma do rei Silo* (775)⁴.

A aceitação ou negação dessa cronologia e natureza moveu o interesse de numerosos estudiosos desde o século XVIII até à actualidade: Sobreira, Murguía, López Ferreiro, Martínez Salazar, Friedel, Barrau-Dihigo, Millares Carlo, Floriano, Lucas Álvarez, Emilio Sáez e Carlos Sáez, etc. Em conexão com o anterior, foi também objecto de análise –e debate– o significado histórico de duas confirmações nele inseridas: «*Ramirus rex*» e «*Silus rex*». Com efeito, estas subscrições pareceriam inopinadas se tivessem como referente os reis ásture-galaicos desse nome, já que a data do diploma (788) não casa com o reinado de Silo (774-783) nem com o de Ramiro I (842-850). É por isto que, ocasionalmente, se fez necessário recriar um cenário histórico com que justificar umas ratificações cuja presença foi fundamento decisivo para levantar suspeitas, não só quanto à originalidade do texto, mas ainda sobre a sua autenticidade.

1 Por coerência com o posicionamento da revista, utilizaremos as formas toponímicas oficializadas. Lembremos, porém, que estas nem sempre coincidem graficamente com os resultados históricos (*Carvoeiro*, *Deça*, *Zovra*, etc.).

2 O documento pertenceu ao cartório de S. Martinho Pinario, mosteiro compostelano a que Carboeiro fora agregado, na qualidade de priorado, em 1500. O diploma, junto com uma parte importante dos fundos de S. Martinho, passou à Universidade de Santiago no séc. XIX. Sobre a história do cartório de S. Martinho, veja-se Lucas Álvarez (1999). Um pequeno grupo de escrituras de Carboeiro, procedente do espólio de López Ferreiro, foi integrado recentemente no Arquivo da Catedral de Santiago (cf. Souto Cabo: 2009).

3 AHUS, S. Martinho, Pergaminhos, nº 1.

4 Não existe unanimidade na consideração desta escritura como original nem, portanto, na datação que deve ser atribuída ao exemplar conservado. Seja com for, pensamos que não há motivos para negar a galecidade deste diploma, como pretende García Leal (2007). O texto evidencia claras preferências galaicas, sobretudo do ponto de vista lexical, que situam, sem lugar para dúvidas, a sua origem na Galiza alto-medieval.

Sáez & Sáez (1996: 76) gizaram o percurso das opiniões críticas sobre o *DQ*, vindo a sintetizá-las do seguinte modo:

Según su aspecto diplomático se trata de una clara copia, confeccionada en los siglos X (Barrau-Dihigo, Millares), XII (Martínez Salazar, Lucas Álvarez, Floriano) ó XIII (Floriano) a la vista de un diploma anterior, probablemente del IX o X (en ningún caso del VIII). Su escritura y lenguaje confirman esta datación tardía, aunque en realidad los autores no comentan en exceso estos elementos (nada en algunos casos). Por su contenido, el diploma es considerado mayoritariamente auténtico, aunque sea tildado de interpolado (Lucas Álvarez), sospechoso (Barrau-Dihigo), amañado (Barrau-Dihigo) e incluso falso (Martínez Salazar, Floriano y Lucas Álvarez). En todo caso, el amañado o la interpolación fueron realizados sin malicia y consistieron en otorgar una mayor antigüedad al diploma y en introducir como testigos a los dos reyes comentados. Opiniones, pues, muy variadas aún más si recordamos las que lo consideraban original y, por tanto, del siglo VIII.

2. Crítica histórica

As primeiras referências ao *DQ* devem-se ao padre Sobreira que o terá examinado no arquivo do mosteiro compostelano de S. Martinho. De acordo com o parecer do frade beneditino, plasmado em escritos inéditos⁵ mas difundido por vários estudiosos, estaríamos perante uma cópia:

Esta carta de venta presenta todos los caracteres de una copia, no muy fiel si se tienen en cuenta algunas enmiendas y omisiones que en ella se observan, como sucede en la fecha y en el nombre del otorgante, que en el texto se lee quiza (línea 1) y en la suscripción uiza (línea 12), habiendo omitido el escriba la letra inicial (Martínez Salazar 1903: 790)⁶.

Face a esse alvitre, o primeiro editor do texto, Manuel Murguía, foi um decidido defensor da veracidade desta escritura, mas com uma pequena ressalva relativa à data: «Acusa por

5 Trata-se de obras custodiadas na Real Academia de la Historia de Madrid.

6 Murguía (1891: 133) alude à opinião de Sobreira nos termos seguintes: «Cuenta Sobreira que entre los documentos de San Martín Pinario, vió una carta-venta en la cual confirman como reyes, en el año 788 y por tanto en reinando Mauregato en Asturias, los príncipes Ramiro y Silo. En su vista y sintiendo la confusión que introducía en las ideas de los que entendían ser cosa indubitable el derecho y sucesión regular del trono, opinó aquel docto investigador de las antigüedades gallegas, que había error en la fecha y equivocación, -en lo que con tal motivo creyó copia y no instrumento original, -en la suscripción de los monarcas.» Uma informação similar foi transmitida por López Ferreiro (1903a: 773, n. 2): «El P. Sobreira también conoció el documento de Quiza Gonderiquiz, pero embarazado por la dificultad que ofrecía el admitir en un mismo año los dos Reyes de Asturias, D. Silo y D. Ramiro, supuso que dicho documento era mera copia, en la que se habían deslizado algunos yerros.»

lo tanto, tiempo posterior a lo que, á guiarse por su data puede suponerse redactado. Esta última es la que ofrece la unica dificultad ... porque no se puede conceder que sea de la Era DCCCXXVI como en el se lee, sino que ha de entenderse ... que es Era DCCCLXVI, quiere decir año 826» (Murguía 1891: 362). A emenda, assente nas dúvidas que existem sobre um segmento do numeral romano da data (cf. *infra*), permitiu-lhe desenhar um contexto histórico conciliável com as confirmações citadas. De acordo com este autor, uma delas corresponde ao futuro Ramiro I⁷ que, em revolta contra Afonso II (791-842), se teria associado a Silo, rei da Galiza lucense, com o qual compartilhava o governo do nosso país⁸:

Silo en cambio, ó por más sedentario ó porque así lo habían convenido, moraba con preferencia en tierra de Deza, en donde estaban enclavados sus principales dominios y contaba con los mejores amigos y servidores; de lo que pudiera ser una prueba el que allí hubiese perseverado su familia, como lo indican las ya citadas donaciones de sus nietos y otros documentos más, entre ellos una escritura de Carboeyro en la cual un Bermudo Silonis da al monasterio en 958, cierta porción de terrenos, diciendo ser prole de Silon: adición innecesaria, sino quisiese indicar algo más importante, pero que deja ver claramente que en dicho territorio estaba radicada la familia de aquel príncipe, hasta ahora totalmente desconocido de la historia.

Antonio López Ferreiro surge como valedor da absoluta originalidade do *DQ*, convicção em que foi acompanhado por V. H. Friedel (1899), segundo editor do texto. A estreita ligação entre essas duas personalidades evidencia-se logo na introdução ao trabalho do britânico –publicado na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*–:

En la faisant connaître telle qu'elle est, nous accédons au désir que nous ont exprimé les bibliothécaires de Compostelle et les directeurs de la Revista; nous le faisons d'autant plus volontiers que leur aide et leur concours ne nous ont jamais manqué durant les longues semaines que nous avons travaillé auprès d'eux. Mais là et à quelques remarques sur la terminologie se bornera notre part du travail; les paleographes, les chartistes et ceux qui comme D. Antonio López Ferreiro s'occupent de l'histoire de l'ancienne Galice feront les commentaires compétents (Friedel 1899: 586⁹)

7 Ramiro II reinará entre 842 e 850.

8 Num claro excesso imaginativo, Murguía (1891: 246-247) chega a caracterizar, com detalhe, a distribuição do governo destes monarcas: «Y así es presumible que el uno tuviese por acá su corte, mientras el otro moraba de preferencia en las ciudades fronterizas, en León, sobre todo y en actitud y disposición de acudir á donde fuere necesario.»

9 Entre outros aspectos, é de grande utilidade a informação que oferece sobre o arquivo de S. Martinho. A própria existência do trabalho assegura que, nessa altura (1899), uma parte da documentação já pertencia à Universidade de Santiago.

O ilustre cónego compostelano foi quem presumivelmente forneceu um (novo) argumento histórico para explicar a ocorrência de Silo e Ramiro nessa carta:

Le fait que deux rois, Ramirus et Silus, on signé ce document après les autres témoins et avant le scribe, est étrange; il est inexplicable si l'on veut voir dans les personnages les rois asturiens de ces noms, Silus qui régnait de 774 à 783, et Ramirus I que gouvernait vers 843 ... D. A. López Ferreiro nous a communiqué qu'il existait en Galice deux hameaux appelés Don-Silon et Don-Ramiro. Le savant archéologue de la Galice a préparé une étude sur l'organisation de sa patrie après la domination romaine, et il partage notre opinion que ces rois étaient des roitelets dans le genre de ceux qu'il y avait dans l'ancien pays de Galles. Dans un coin de terre où tant de choses nous ont rappelé la Bretagne, le pays de Galles et l'Écosse, ce rapprochement n'a rien de trop audacieux; s'il devait ce confirmer notre document serait le plus ancien témoignage écrit –peut être l'unique– de cette institution celtique en Galice. (Friedel 1899: 589)

Friedel (1899: 589), conquanto não desconfie da data, chegou a apontar os problemas de leitura que coloca o terceiro «C» do numeral romano:

Le troisième C étant plus droit et plus épais que les deux précédents, on pourrait croire à une correction postérieure, mais il n'y a point de rature et l'encre est absolument la même que dans le reste du document. Il est d'ailleurs impossible qu'il y ait eu deux C dans l'espace qu'occupe cette lettre.

A análise parece correcta salvo no referente à última apreciação, já que, como veremos, o espaço que medeia entre o segundo «C» e o primeiro «X» é equivalente ao que ocupam os dois primeiros «C».

O estudioso também alude a uma tentativa, não muito bem sucedida, para localizar os topónimos presentes no diploma. De facto, apenas conseguiu identificar Zobra e Deza, mas confiava em que López Ferreiro pudesse vir a esclarecer alguns desses aspectos geográficos:

Les cartes le plus exactes que nous ayons pu consulter à l'Ateneo de Madrid, nous ont permis de retrouver le hameau de Zobra dont il est question; ce hameau est en effet situé entre deux ruisseaux que descendent du versant nord des monts de El Testeiro. L'un de ces ruisseaux porte sur plusieurs cartes le nom de Deza; d'autres n'appellent ainsi que la rivière formée au delà de Zobra par ces deux ruisseaux et par quelques affluents; nulle part nous n'avons pu constater que le second fût appelé Fletas ... D. A. López Ferreiro nous renseignerait sans doute sur la situation de cette propriété ... et nous dira ce qu'il a pu retrouver dans les traditions locales sur les noms des personnages, des localités, des ruisseaux «Fletas» et «Lobos» e de la route qui menait (de Orense?) au Portugal. (Friedel: 1899: 587)

A edição do britânico mereceu uma severa resenha por parte de Barrau-Dihigo (1899). Com independência da avaliação mordaz a que o trabalho de Friedel foi submetido¹⁰, interessam alguns juízos do hispanista galo sobre a data e o estatuto do diploma¹¹. Em princípio, supõe que se trata de uma cópia não anterior ao século X feita sobre o original. Todavia, as confirmações reais levam-no a considerar que o documento «s'il n'est pas faux, est suspect, et ce que le rend suspect, c'est la présence, parmi les témoins, de deux rois, nommés l'un Ramiro, l'autre Silo» (Barrau-Dihigo 1899: 519). Para explicar a comparência desses nomes, embora não exclua categoricamente a hipótese de Friedel e López Ferreiro, considera que resultaram de um desejo «pour donner plus valeur au document», o que terá levado o autor a imitar a situação de alguns diplomas privados «au bas desquels des rois ont signé». Um intuito similar estaria na que julga alteração propositada da data: «L'hésitation du scribe à tracer le troisième C peut se comprendre: n'y aurait-il pas eu, par hasard, dans l'original «Era DCCCCXXVI», et le scribe n'aurait-il pas voulu, dans un but que l'on devine sans peine, vieillir d'un siècle le document qu'il copiait?».

Barrau-Dihigo (1921: 84-85) ocupar-se-á, mais adiante, da «**charte presque célèbre** de Quiza Gonteriquiz (26 février 788), qui, croyait-on naguère, nous révélait l'existence d'une dynastie de rois galiciens», nesta ocasião para apoiar o posicionamento de Martínez Salazar na polémica mantida entre este e López Ferreiro a que acima aludimos¹². O ponto de partida encontra-se no artigo «Galicia en los primeros siglos de la Reconquista» publicado pelo cônego compostelano no ano 1903¹³ em *Galicia Histórica*. López Ferreiro edita o *DQ* e utiliza-o para defender com grande convencimento a existência do que denomina «Estado do Minho»: reino independente que não reconhecia a autoridade dos reis asturianos (pelo menos) durante a segunda metade do séc. VIII¹⁴. Esta terá sido a causa que levou o rei Silo (774-783) a invadir o nosso país, obtendo vitória sobre os povos da Galiza na mítica batalha do Monte Cupeiro (identificado como Montecubeiro, c. Castroverde)¹⁵. No entanto, em opinião do cônego compostelano, tratar-se-ia de uma vitória parcial: «Los gallegos que moraban

10 Barrau-Dihigo (1899: 521) conclui que «cet article ... dénote chez son auteur en premier lieu une connaissance plutôt médiocre de la méthode critique que l'on doit appliquer aux documents diplomatiques ... L'impression qui se dégage de la lecture de ce travail, c'est qu'il a été fait par quelqu'un qui n'avait point la préparation suffisante pour le mener à bonne fin, et qui a essayé de cacher ce manque de connaissances solides sous des dehors brillants et trompeurs».

11 Barrau-Dihigo (1899: 520) lamenta que a pouca qualidade da reprodução o impeça de se manifestar sobre vários pormenores, entre eles, alguns aspectos da data: «Quant à la date de jour, elle est indéchiffrable sur le fac-similé.»

12 «Sur cette acte, étudié par M. V. Friedel ... et plusieurs fois utilisée par les historiens de la Galice, voir les remarques décisives de M. A. Martínez Salazar.» (Barrau-Dihigo 1921: 85, n. 1).

13 O trabalho foi realizado antes de 1899, segundo demonstraram Sáez & Sáez (1996: 72, n. 15).

14 A historiografia situa as revoltas dos galegos contra o poder asturiano em tempos de Froila I (757-768), de Aurélio (768-774) e de Silo (774-783).

15 Alguns estudiosos supõem origem galega para este rei Silo (cf. López Teixeira 2003: 74-75). Lembremos que o *Diploma do rei Silo* (774) regista a cessão feita por este rei a favor de uma comunidade monástica em terras do seu «cellario», situado no extremo nordeste da província de Lugo.

al Poniente del Miño, continuaron en su actitud; y la victoria de Monte-Cubeiro, no impidió que se considerasen como formando un estado aparte e independiente de Asturias» (López Ferreiro 1903a: 676). A data do *DQ* (788) estaria a demonstrar a continuidade, pelo menos parcial, desse reino autónomo após aquele episódio bélico:

El Estado del Miño se hallaba gobernado en estos tiempos por un Rey D. Ramiro; el cual por su ancianidad ó por otro achaque que se ignora, había asociado al trono á un hijo o hermano suyo llamado Silón. El nombre y dignidad de ambos constan de un notabilísimo documento original que, procedente del monasterio de Carboeiro, perteneció al archivo de S. Martín Pinario, y actualmente se guarda en la biblioteca de la Universidad literaria de Santiago. (López Ferreiro 1903a: 677)

Este autor deduz que o Silo citado no *DQ* foi o último «Monarca de esta dinastia gallega» tomando como base o documento em que um indivíduo de nome Nuno «queriendo hacer mención de sus antepasados, invoca el nombre del rey D. Silón, su abuelo (avus meus Rex Domnus Silo), y no el de otros más recientes» (p. 680). Refere-se ao D. Nuno que em 968 cedia ao mosteiro de Ante-Altres a herdade de *Felgaria* junto com outros bens (cf. infra). A personagem é considerada por López Ferreiro um membro da família dos Condes de Deza, como também o seria um «archidiácono» que localiza nos escritos de Sobreira¹⁶. Isto leva-o a supor que os Deza foram descendentes do rei Silo citado no *DQ* e nas outras «duas» escrituras.

Em relação ao documento de 968, o cónego lamenta não ter achado o original apesar de «todas las diligencias que hemos hecho», tendo localizado alguns extractos «en varios índices del Archivo de San Martín Pinario tanto en los que se conservan en la Biblioteca de la Universidad compostelana, como en las oficinas del Estado, ó en poder de particulares» (p. 773). Portanto, desconhecia a existência de uma cópia simples do mesmo num tombo de S. Martinho custodiado no mosteiro de Ante-Altres¹⁷. Aliás, provoca alguma estranheza que não tenha mencionado aquela doação de 958 (citada por Murguía, cf. supra) outorgada por Bermudo Silonis a favor de Carboeiro, teria sido logicamente um importante complemento para o posicionamento por ele defendido. López Ferreiro (1903a: 774), na linha de Murguía, encerra o trabalho em foco lamentando num tom de elegia patriótica que o tempo tenha votado ao olvido a figura de Silo:

16 «De este mismo D. Silón se hace mención en una escritura del año 960, que manejó el erudito P. Sobreira, y que describe así: “Tengo una donación de un archidiácono, en que se dice que dona al monasterio de Carboeyro el lugar de Silonis (Don Sión), que fue de su abuelo el Rey D. Silo”» (López Ferreiro 1903a: 773). Como veremos, é possível que se trate do mesmo indivíduo e até do mesmo documento. Murguía (1891: 135, n. 1) oferece essa mesma informação atribuindo a López Ferreiro a identificação da acta de 968.

17 Documento nº 44 do *Libro de traslado de los privilegios y de otras escrituras antiguas que se hallan en el archivo del Monasterio de San Martín de la ciudad de Santiago* elaborado no ano 1779 (cf. Buján Rodríguez 1996: 291).

La incuria y la indolencia han sido siempre, por lo visto, cualidades características de nuestro pueblo. El nombre de Silón, de aquel ilustre Magnate que en medio de la general catástrofe supo mantener enhiesta la bandera de la patria independencia, no halló un mármol, un bronce, un cronicón amigo, que lo perpetuase. Sólo alguna furtiva noticia aparece entre los despojos de nuestros antiguos archivos monacales. Y la iglesia de Sta. Eulalia que él fundó ó restauró, recogió piadoso los últimos reflejos de su memoria.

Martínez Salazar (1903: 789) abre a sua intervenção sobre o *DQ* admitindo que «doc-tos escritores é inteligentes paleógrafos tienen por original y auténtico», porém o intuito declarado do seu trabalho será defender o posicionamento de Sobreira: «el P. Sobreira, que lo vió, quizas en mejor estado ... creíalo copia, que tenía equivocados la fecha y los nombres de los monarcas confirmantes. Procuraremos fundamentar la opinión del sagaz paleógrafo gallego». Está consciente, contudo, das grandes dificuldades com que pode bater o seu projecto devido aos escassos elementos de cotejo de que dispõe¹⁸. Para justificar esse parecer, analisa a forma externa, a configuração paleográfica e várias soluções scripto-linguísticas. Referido ao primeiro âmbito, nota como aspectos anómalos: a ausência do crismão, a falta de signos dos outorgantes, a inexistência de separação entre o texto e as subscrições, bem como a localização das confirmações reais em local que não lhes corresponde¹⁹. Quanto à letra, apesar de descrever algumas peculiaridades, reconhece a impossibilidade de a utilizar como marcador cronológico: «Juzgando por la letra solamente, es expuesto á error fijar el siglo en el que se escribió un documento, porque aquella perdura en los VIII, IX e X y aún en la primera mitad del XII.» (p. 790). Ele regista igualmente resultados que considera inopinados num documento do séc. VIII, entre os quais inclui, por um lado, a forma *gonteriquiz* «así romanceado, que rara vez se usó en el siglo IX» (Martínez Salazar 1903: 792) e, por outro, alguns desvios às representações grafo-fonémicas tradicionais em: *artigulo*, *portugale*, *conplaguit*, *malerigus* e *nicil*. O modelo colectivo de apresentação das testemunhas: «*qui presentes fuerunt*» (face a fórmulas individuais) e os resultados *Ramirus* e *Silus* (em lugar de *Renamirus* e *Silo*, *Silonis*, *Siloni*, etc) são também elementos que o induzem negar a integração do *DQ* no ano de 788 (cf. infra).

O astorgano oferece ainda uma interpretação para as anomalias materiais do numeral da data que, do seu ponto de vista, estariam a evidenciar o carácter de cópia:

18 Entre estes cita: «el diploma del rey D. Silo, seis más escritos en Galicia en los siglos IX, X y XII, los facsímiles XVI y siguientes insertos en la *Paleografía Visigótica* del Sr. Muñoz Rivero, correspondientes á aquellas centurias y á la XI y, en último término, los impresos en la *España Sagrada*, *Apéndices*, é *Historia de la Santa Apostólica Metropolitana Iglesia de Santiago*, por el Sr. López Ferreiro, que a nuestro entender presenten caracteres de haber sido copiados fiel y directamente de originales escritos en Galicia ó para Galicia durante los expresados siglos.» (Martínez Salazar 1903: 789-790).

19 Estas deveriam figurar em primeiro lugar ou no fim do diploma.

la primera fecha que escribió el amanuense fue la de **CCCCXXVI**; pero que, al notar su error, procuró corregirlo así: antes de la primera **C** (ahora **d**) no podía intercalar, por falta de espacio, la **d** omitida; hizo, pues, de esta primera **C** una **d**; pero le faltaba otra **C**, que trató de intercalar sin éxito entre las dos últimas, donde, como se ha dicho, el espacio era más amplio: de lo que parece deducirse que no era un documento original el que confeccionaba el escriba, sino que tenía á la vista en aquellos momentos otro, datado en la era **DCCCCXXVI** (Martínez Salazar 1903: 793)

Contudo, o aspecto que mais azedou o espírito crítico deste estudioso foi o referido às teorias que tentaram explicar a presença daqueles dois reis a confirmar esta acta. Assim, julga inverosímeis as propostas de Murguía e de López Ferreiro, desvalorizando inclusivamente o testemunho daquela escritura de 968 (cf. supra) em que se alude a um rei Silo como *avus* do titular –a que por erro atribui o nome de Hugo por Nuno–. De facto, argúi, com acerto, que a distância de 180 anos que medeia entre ambos os documentos (788 - 968) impossibilitaria que D. Nuno tivesse sido neto de Silo e prefere considerá-lo apenas como um antepassado do rei asturiano Silo: «¿al invocar don Hugo el nombre de su antepasado el rey D. Silón, no podía referirse al monarca de Asturias de aquel nombre, que había sido acaso natural de Galicia, puesto que nada, que sepamos, se ha escrito en contrario?» (Martínez Salazar 1903: 796²⁰). Na conclusão, como ele próprio reconheceu, foi além da conjectura lançada por Sobreira vindo a sugerir que se tratava de um documento falso:

Nosotros ... vamos más lejos que el ilustre lexicógrafo gallego; vamos hasta suponer que el documento en cuestión fue confeccionado en el siglo XII, probablemente, teniendo á la vista otro ú otros más antiguos, quizá del XI; que el redactor o escriba, ignorante y torpe, pretendiendo dar con ello mayor autoridad al supuesto contrato, introdujo en él reyes confirmantes; pero, desconociendo la cronología y el orden de sucesión de los monarcas asturianos, escribió la fecha anacrónicamente y con vacilaciones y enmiendas, invirtió los nombres ... y por último, que los nombre D. Ramiro y D. Silón (Don Sión) iguales á los de dos reyes de Asturias, que llevaban y llevan aún dos parroquias del Ayuntamiento de Lalín (Pontevedra), inmediatas al lugar y bienes objeto del pseudo-contrato, sirvieron á maravilla al falsario para cometer el delito. (Martínez Salazar 1903: 799)

O grande mérito com que, do nosso ponto de vista, conta o trabalho de Martínez Salazar vê-se, porém, obscurecido por duas circunstâncias. Ofuscado provavelmente por um preconceito sobre o estatuto do diploma em foco, ignora, desdenha ou menospreza dados de natureza objectiva como o relativo à presença documental e toponímica desse «rei» Silo e doutras personagens citadas no diploma. Por outro lado, as limitações –por quantidade e

20 Parte da interpretação de «*avus*» como ‘antepassado’.

qualidade— do corpus com que o *DQ* é cotejado resultam em inferências cronológicas de valor muito duvidoso (ou mesmo erradas).

López Ferreiro (1903b) contestou as objecções de Martínez Salazar no capítulo com que conclui a *Colección Diplomática de Galicia Histórica*. O cónego concentrou inicialmente a refutação nos aspectos paleográficos por entender que Martínez Salazar tinha evitado propositadamente a força probatória dos «caracteres paleográficos» que, «tanto intrínsecos como extrínsecos, están unánimes en afirmar que el Documento se extendió en la misma época á que es atribuido» (p. 616). Rejeita a que denomina «extraña teoría» de Martínez Salazar segundo a qual da letra «no puede sacarse ningún indicio cierto acerca de la letra del Documento que nos ocupa» (p. 618). López Ferreiro tomou como ponto de referência, entre outras, a obra do P^e Merino *Escuela de leer letras cursivas antiguas y modernas* (Madrid, 1780) e a *Paleografía visigoda* (Madrid, 1881) de Muñoz y Rivero, chegando a notar uma notável similitude, respectivamente, com um documento do séc. VIII e outro de meados do séc. IX. Ao mesmo tempo, recusa a comparação com o *Diploma de Silo* (775), utilizada por Martínez Salazar, por julgar que as diferenças de estatuto entre as duas actas também se manifestaram a nível paleográfico. Quanto a aspectos concretos, tenta corrigir as afirmações do arquivista aduzindo indiscriminadamente exemplos de validade muito dispar²¹. Rebate ainda a interpretação que Martínez de Salazar tinha oferecido para os problemas gráficos da data, notando muito acertadamente que «Si la intención del falsificador hubiera sido añadir (no sabemos para qué) una cuarta C, aun tenía espacio suficiente entre la tercera C y la primera X» (pp. 621-622).

Relativamente ao contexto histórico, não admite a impugnação de Martínez Salazar baseada na ausência de notícias sobre esses indivíduos nas crónicas e cita casos como o de Sancho Ordonhes (926-929), rei privativo da Galiza, cuja realidade tinha permanecido em «universal silencio» até que foi recuperado pela historiografia do séc. XVII «á la luz de algunas escrituras»²². Ele nega também a possibilidade de ligar as cartas de 960 e 968 ao rei ásture-galaico Silo que, segundo as crónicas, morreu sem descendência. Como era de esperar, conclui o trabalho reafirmando-se na sua crença sobre a «sinceridad y autenticidad de la venta de Quiza Gonteriquiz» (p. 626).

21 Apesar de não abdicar em nenhum momento das suas ideias, López Ferreiro (1903b: 625) tenta apresentar os dados com alguma objectividade. Assim, a respeito da forma *Ramirus* do *DQ*, pelo esperado *Renamirus*, afirma: «Es cierto que la forma generalmente usada en el nombre latino de Ramiro, es *Renamirus* ... pero eso no quita que hubiese la vulgar *Ramirus*, que fue al fin la que prevaleció. Además del diploma de 952 [considerado cópia posterior], que menciona el Sr. Martínez Salazar, se ve la forma *Ramirus* en un diploma de Cardena, otorgado en el año 929 por Alfonso IV, y confirmado por Ramiro II, y en el signo que estampó D. Ramiro II en un privilegio dado al referido monasterio en el año 944, y en otro documento firmado por el mismo Rey en el año 944, y en otro documento firmado por el mismo Rey en el año 942.»

22 Outros exemplos não parecem tão atinados, como quando fala de diplomas do séc. VIII em que se cita o conde D. Rodrigo de Castela.

Após o, já citado, trabalho de Barrau-Dihigo (1921), não encontramos novas opiniões sobre o *DQ* até meados do séc. XX, altura em que deparamos com alguns dos vultos mais conhecidos da diplomática e da paleografia espanhola como: Millares Carlo (1983: 163²³)²⁴, Floriano (1946: 374, 1949: 337-338) ou Lucas Álvarez (1948: 50-51, 1958: 237-238). Todos eles parecem visivelmente influídos pela doutrina do hispanista galo e, em menor medida, por Martínez Salazar.

Floriano (1949: 337-338) refere-se a este diploma como «uno de los documentos más discutidos de nuestra Edad Media» considerando que «los problemas que plantea son muchos y además extraordinariamente complicados». Apesar de um certo tom assertivo, aventamos que hesitou entre duas hipóteses. A primeira seria considerá-lo um original mal datado do século X, possibilidade que afasta pela presença das subscrições de «Silo e Ramiro I». A segunda, enunciada de modo interrogativo e após ter reconhecido que o estado de conservação impede «formular conclusiones definitivas», leva-o a situar o texto num período muito tardio: «¿No será el documento que comentamos una falsificación imitativa del siglo XII o quizá del XIII, hecha a la vista de un documento del siglo X del que se tomara el tono diplomático y al que se fechara fantásticamente por alguien poco docto en cronología? Es posible.» Em aras desta última explicação, faz a seguinte análise paleográfica:

Apesar de todo, y observando la letra, de la que no sabríamos decir si es una cursiva con abundantes *presentimientos* caligráficos o caligráfica con copiosos resabios cursivos, y teniendo en cuenta que aquí como en otros casos se trata de un documento escrito en Galicia, donde las formas gráficas de la visigoda se aferran tan acentuadamente a los modelos tradicionales, no es nada temerario el atribuir este documento a una época tardía, lo que se abona aun más con la expresión de neologismos y de terminos romanceantes, evidentemente prematuros para el siglo VIII.

Na interpretação de Floriano os «reis» Ramiro e Silo do *DQ* foram os monarcas asturianos desse nome, já que não alude aos esclarecimentos históricos de Murguía ou de López Ferreiro, nem cita os documentos do séc. X de que são titulares os netos de Silo. É por isto que manifesta alguma perplexidade perante essas confirmações:

La presencia, por último, de las dos subscripciones reales no puede ser más desconcertante, pues ni aun para la fecha que se ha conseguido leer en el documento (Era DCCC XXVI) puede tener una explicación. El año 788 es tarde para que el documento fuera confirmado por Silo y muy pronto para que lo suscriba Ramiro I.

23 Lembremos que a primeira edição desta obra saiu do prelo no ano 1932. A referência ao *DQ* encontra-se na página 163.

24 O ilustre paleógrafo limita-se a notar que «tanto por sus caracteres paleográficos, como por su lenguaje, parece bastante posterior, y acaso escrito en el siglo X, o quizá después. Tal es la opinión de Martínez Salazar y la muy fundada de Barrau-Dihigo y de Floriano».

Manuel Lucas Álvarez é talvez o estudioso que com mais assiduidade aparece ligado ao *DQ*, nomeadamente por ter editado a *Colección Diplomática del Monasterio de San Lorenzo de Carboeiro*, publicação em que aquela acta se integra e na qual são também analisados os posicionamentos de López Ferreiro e de Martínez Salazar. O professor compostelano chegou a aceitar algumas das sugestões do primeiro, cujos juízos são considerados como «razonados y certeros, unas veces, un poco apasionados otras» (p. 44). Admite o parecer do cónego compostelano em vários aspectos: rejeita a comparação com o *Diploma de Silo*, confirma a (hipotética) existência do crismão e, o que é muito interessante, reconhece que: «La reconstrucción ideada por el Sr. López Ferreiro es ingeniosa y no desprovista de argumentos probatorios. Por tanto, es muy posible que, si no en su totalidad, al menos tenga mucha probabilidad la existencia de tales monarcas» (p. 46). Discrepa ainda das objecções formuladas por Martínez Salazar quanto ao formulário diplomático, pois admite que «este contrato responde exactamente a los caracteres de su época, que sucesivamente se van reproduciendo en siglos posteriores» (p. 46).

Pelo contrário, Lucas Álvarez não acompanhou López Ferreiro na localização cronológica do exemplar conservando e veio coincidir, neste caso, com a proposta de Martínez Salazar, embora em termos bastante diversos. O paleógrafo compostelano, reiterando o que já manifestara com anterioridade (1948: 104²⁵), considera: «Que el documento es una copia realizada en la primera mitad del s. XII por un escriba dependiente del centro escriptorio de Carboeiro» (1958: 46). Tratar-se-ia de uma escritura autêntica –mas não original– em que «podría haber algunas interpolaciones en la copia, que afectarían a la existencia o categoría de algunos personajes; y esto no con malicia sino por el deseo de dar mayor realce a hechos que tuvieron alguna realidad» (p. 46). O fundamento para essa proposta estaria num argumento de carácter paleográfico –apresentado de modo muito lacónico e impreciso–: «Comparando, a título de ejemplo, la escritura de nuestro documento con el documento del año 1100, y con otro de 1119, ambos de Carboeiro, encontramos un tipo de letra muy semejante.» (p. 236²⁶). Em linha com o anterior, oferece ainda uma interpretação para as anomalias gráficas da data em que, salvo pequenas divergências, segue Martínez Salazar (cf. infra).

Em tempos mais recentes, Lucas Álvarez (1995: 451) tem-se referido de modo pontual a este documento. Num trabalho sobre as chancelarias reais ásture-leonesas, outorga-lhe o estatuto de «F [falso]» ao analisar as confirmações régias em diplomas particulares (sob os parágrafos de SILO e RAMIRO [I]). Contudo, limitar-se-á posteriormente a qualificá-lo

25 Afirma, igualmente, sobre esta escritura: «el que tiene el número 1, que es la venta de Quiza Gonteriquiz, del año 788, el más antiguo de Galicia y de los más antiguos de España» (p. 100).

26 Em nota de rodapé (nº 105) Lucas Álvarez indica: «En Arch. Seminario Santiago y Col. Dipl., núm. XI». Porém, a documentação publicada não integra nenhum documento do ano 1100. De acordo com a informação que fornece, talvez esteja a citar uma escritura datada hipoteticamente ca. 1088 do Arquivo Histórico Diocesano de Santiago.

como «copia en visigótica del s. XII» num inventário de documentos de Carboeiro (Lucas Álvarez 1999: 925),.

A última publicação abrangente sobre o nosso diploma deve-se a Emilio Sáez & Carlos Sáez (1996)²⁷. O artigo, cuja primeira parte é dedicada –como neste caso– a sintetizar o conteúdo dos trabalhos prévios sobre o *DQ*, afasta-se em vários aspectos dos contributos anteriores. Do lado positivo, temos de salientar a pormenorizada e rigorosa análise paleográfica de que se segue uma proposta de colocação cronológica coerente. Pelo contrário, mantemos algumas discrepâncias sobre a interpretação de vários elementos do conteúdo referencial desse texto que, ao mesmo tempo, poderão condicionar a definição diplomática do mesmo.

No que tange ao estudo da escrita, como os próprios autores salientam, poucos fizeram «um comentario fundado al respecto» (p. 78), tendo-se limitado, no caso, a alguns apontamentos vagos e parciais. Sáez & Sáez consideram, seguindo o que já fora notado por Floriano (cf. supra), que se trata de uma escrita de natureza mista²⁸ e pouco homogênea²⁹ e concluem, após análise individualizada dos diferentes elementos gráficos, que: «el copista ... era una persona en estado de formación escrituraria que deja entrever sus carencias a lo largo de su irregular morfología. La escritura mixta que hemos descrito suele coincidir con copistas que se encuentran en fase de aprendizaje, razón por la cual sus textos son vacilantes, inseguros y navegan entre dos aguas, el filón cursivo/documental y el redondo/textual.» (p. 81)³⁰. Também apontam a existência de um influxo moçárabe no *scriptorium* de Carboeiro com base na presença do símbolo abreviativo geral formado por ponto e linha. A partir destes e doutros dados de natureza diplomática estabelecem a seguinte hipótese cronológica:

En cuanto a la datación del diploma pensamos que fue escrito entre el último tercio del siglo IX y los primeros años del X. Nos inclinan a esta decisión su escritura mixta elemental, el pergamino utilizado y el estado de conservación en que nos ha llegado y, por último, el aspecto y forma externa del diploma. Después de vistos todos los documentos altomedievales de Carboeiro conocidos tenemos que concluir que estos elementos característicos, presentes en el de Quiza, coinciden con los visibles en los más antiguos que existen, datados a finales del siglo IX y principios del X. Es también típico de los primeros documentos de Carboeiro no dejar separaciones especiales entre las diferentes partes del tenor documental: texto y suscripciones

27 C. Sáez explica (na primeira nota de rodapé) a origem deste texto: «Mi padre dejó este trabajo esbozado en anotaciones y apuntes varios. Sí estaba terminada la edición crítica del diploma que se presenta, que se debe integralmente a él. El estudio que le precede ha sido redactado por mí.»

28 Também conhecida como semicursiva.

29 «La escritura muestra una acentuada irregularidad: las mismas letras son muy diferentes entre sí y su inclinación es vacilante, unas veces los astiles y caídos son rectos, otras se desnivelan hacia la derecha o izquierda. Da la impresión de que el copista se encontrara en fase de formación, por lo que la morfología de sus letras es vacilante, se modifica con frecuencia u oscila entre redonda y cursiva. Las tres últimas líneas están separadas entre sí que las demás y sus letras presentan un módulo algo mayor. Es probable que el copista actuase así al ver que en el pergamino iba a quedar mucho espacio en blanco.» (p. 78)

30 Trata-se de uma hipótese interpretativa sugerida por C. Mendo Carmona (2002: 289-307, 395).

de los autores, testigos o confirmantes y notario. Es posible que la historia política y de la repoblación portuguesa o un estudio filológico de la toponimia pudieran concretar aún más estas conclusiones. (p. 82)

Do ponto de vista da tradição documental, determinam que estamos perante uma «pequena falsificación o, por lo menos, un documento rehecho o interpolado» (p. 78) elaborado por um frade de Carboeiro que «al copiar un documento auténtico lo quiso dotar de una mayor vistosidad, mediante el añadido de reyes y testigos, y transcendencia, mediante una exageración de la antigüedad del acto jurídico, quizá con la finalidad de asegurar una extensa propiedad para su monasterio» (p. 82). Esta última conclusão resulta, em boa medida, da interpretação que os autores fazem sobre a localização do vilar objecto de transacção e sobre a presença das confirmações dos reis Silo e Ramiro. Relativamente ao primeiro aspecto, face à opinião tradicional que o fixava na região galega de Deza, Sáez & Sáez situam aquela propriedade em terras portuguesas, concretamente nas margens do rio Leça na sua passagem pela Terra da Maia (perto da cidade do Porto):

Indentificada [a localização geográfica da zona] en primera instancia por Murguía cerca del río Deza, en la provincia de Pontevedra, ningún autor se ha planteado cambiarla. Y, sin embargo, pensamos que una de las claves del diploma es precisamente su correcta adscripción geográfica, que puede lograrse a través del examen de la toponimia presente en él... En la tercera línea del pergamino se leen las letras «Lza», de las que, añadida una [e], resulta el río Leza o Leça, lo que nos sitúa en Portugal, en la *Terra da Maia*. Y aquí comienzan a aparecer en el diploma topónimos olvidados que coinciden con lugares actuales. (p. 77)

Com a ajuda de material cartográfico correspondente a Ermesinde (c. Valongo), citam topónimos como: Nogueira, Silva Escura, Currais, Pena, e Anta, que identificam com formas idênticas ou similares da sua edição: *Nugaria, Silua Escura, Currales, Pennas Maiores e Anta*.

A causa última desta deslocação territorial está nos problemas originados pelo desprendimento da tinta, de que resultou a perda da mancha gráfica em múltiplos pontos do documento. Na sequência desse facto, falta um fragmento de texto após o éle de *ribul[os]* (linha 3ª) e (em parte) a primeira letra da palavra seguinte (interpretada tradicionalmente como sendo o *d* de *deza*) da qual só se percebe com nitidez a parte superior da haste. Sáez & Sáez (1996: 76) analisaram esse acidente e concluem que não se trata de um *dê* mas de um éle: «La parte inferior de la *l* solo se ve con lámpara de cuarzo. Antes hay un espacio blanco para dos letras: *os* de *ribulos*. En él no caben *os* y *d*. Compárese con las letras *os* de *terminos*, línea 4, que bastan para llenar el hueco.» Porém, não há motivos, antes pelo contrário, para oferecer uma leitura alternativa ao tradicional *deza*, resultado da expansão do *đza* presente no manuscrito. Verificámos que entre o apêndice inferior do éle de *ribul[os]* e a vertical dos

restos do hastil da palavra seguinte medeia uma distância de 7 mm, tamanho suficiente para nele supor a integração original de: (i) os dois elementos faltosos da terminação de *ribul[os]*, (ii) um espaço de separação e (iii) o anel do dê; mesmo admitindo as medidas máximas que esses três componentes exibem na mesma área do diploma, isto é, respectivamente: 2,5 mm + 2 mm [0,5-2 mm] + 2 mm [1,5-2 mm].

A reposição do *d* vem assegurada por outros dois dados de natureza material e paleográfica. Com um aparelho de aumento adequado, ainda se pode reconhecer (no fragmento conservado da haste) a pequena porção inicial do círculo desse *d*. Finalmente, a análise do sistema de abreviação utilizado nessa escritura demonstra que o encontro *l+e* nunca figura abreviado (como *l*) (*fletas*, *ille*, *leua*, *malerigus*, *mouiles*, *inmouiles*, *portugale*), ao contrário do que acontece com *d+e*, sistematicamente representado pelo símbolo geral de abreviatura a cortar o hastil do dê (*ḏ*, *do*, [*g*] *ondmaro*, *jnd*, *lodmirus*, *und*, etc. 24 occ.), salvo quando o *e* é seguido por ene ou eme –com valor de nasal implosiva– (*suadentis*, *ibidem*). Portanto, não há nenhum dado material que autorize a reconstituição de um hipotético *lza*, imprescindível para aceitarmos a leitura *leza* sugerida por Sáez & Sáez.

A coincidência toponímica (parcial) não é decisiva porque a maior parte dos termos identificados contam com índices de ocorrência muito elevados em todo o território galego-português; mas faltam precisamente dois elementos chave: *Zobra* (monte) e *Fletas* (rio), para além, claro, de *Deza*. A associação geográfica desses três topónimos leva-nos à freguesia de Zobra (c. Lalín), cuja denominação coincide com o monte desse nome. Ora bem, esta elevação orográfica (Couto de Zobra) aparece delimitada a norte pelo ângulo fluvial que desenharam o Deza e o seu afluente Chedas, higrónimo em que facilmente desvendamos o rio *Fletas*, de acordo com as pautas evolutivas do galego-português (FL-> ch-)³¹. A evidência que fornecem esses elementos não deixa lugar para dúvidas sobre a integração espacial da fazenda objecto de transacção³².

3. Entre Deza e Chedas

A simplicidade com que se pode reconhecer aquela primeira alusão geográfica (*monte Zobra que jace inter II^{os} ribulos Deza et Fletas*³³) contrasta com as dificuldades que encerram

31 Cañizares (1946: 80) já identificava a forma do *DQ* com esse curso fluvial num trabalho, não citado por Sáez & Sáez, dedicado a localizar os topónimos de Deza.

32 É por isto surpreendente que alguns estudiosos galegos tenham admitido essa proposta de modo pouco crítico. Assim, Boullón (1999: 491) alude à nova localização sem manifestar nenhuma reserva ao respeito: «... a última publicación sobre o asunto (Sáez & Sáez 1996b) modifica de maneira bastante substancial estas opinións. Aínda que considera tamén que se trata dunha copia a partir dun documento auténtico, pon en cuestión a localización xeográfica (que desde Murguía se viña situando na zona de Zobra, provincia de Pontevedra) e cre que debe referirse a un territorio portugués, na terra da Maía (sic), por coincidencias toponímicas.»

33 Os excertos reproduzidos nesta parte do trabalho tomam como ponto de partida a segunda versão editorial do texto (cf. infra).

as restantes referências espaciais. A imprecisão toponímica e sobretudo os problemas textuais, com danificação ou ainda perda absoluta da mancha gráfica, constituem escolhos incontornáveis para definir a situação e/ou as dimensões daquele vilar. Por outro lado, devemos levar em consideração que, como está estabelecido por numerosos exemplos, alguns dos topónimos registados na alta Idade Média, sobretudo aqueles referidos a elementos orográficos, podem hoje definir uma área menor daquela a que em origem foram aplicados³⁴. Analisemos a seguir os diversos elementos ordenados pela sua presença sequencial no texto³⁵:

. **Nugaria** («*cartula uenditionis sicut <--> Nugaria subtus monte Zobra*»). A perda da margem direita do pergaminho³⁶ impede conhecer o discurso prévio e também apurar qual é a conexão desse topónimo com o conjunto do vilar, particularmente com o monte de Zobra. Alguns editores integraram hipoteticamente o texto faltoso: López Ferreiro (1903a: 677) propunha: «*sicut (et facimus de uilla) de nugaria*», Sáez & Sáez (1996: 85) consideraram necessário um segmento muito maior: «*[et] fa[cimus de uillare nostro proprio quod uocitant de Zobra et de uilla] Nugaria*». Estes últimos autores tentaram provavelmente conciliar essa ocorrência de *Nugaria* (qualificada como *villa*) com duas referências posteriores: uma truncada a «*ipsa uilla <-->*» e outra a um «*uillare de Zobra*». No entanto, nada assegura que se trate de duas entidades territoriais diversas pois que o pagamento é estabelecido de modo singular sobre esse único elemento. Podemos imaginar outras possibilidades de integração do topónimo no texto: *iuxta Nugaria*, *circa Nugaria*, *uilla que dicitur Nugaria*, etc. A presença desta forma na área limítrofe de Zobra³⁷ é relativamente frequente, os mais próximos situam-se em pontos geograficamente opostos: a 3.5 km SW (freg. Regueiro, c. O Irixo OU) e a 4.5 km NE (freg. Doade, c. Lalín PO). Também se regista «Nogueiroá» a 12,5 km SE (freg. Corneda, c. O Irixo OU).

. **Zobra** («*nugaria subtus monte zobra que jace inter II^{os} ribulos Deza et Fletas*»; «*uendimus a uobis ipso uillare de Zobra ab intigro cum quantum que ibidem a prestitum ominis est*»). Com a denominação de «Zobra» alude-se a um monte e a um vilar, mas parece que essa propriedade não se limitava apenas à zona de Zobra, tal como hoje se concebe. Como dissemos, trata-se da freguesia mais meridional de Lalín³⁸, de uma elevação orográfica da mesma (847 m) e de uma pequena aldeia situada na aba S desse monte. Contudo, não podemos descartar que, outrora, o referente tenha sido uma secção orográfica em parte diferente (talvez por mais extensa) daquela a que na actualidade é atribuído. Nesse caso hipotético,

34 Cañizares (1946: 75) apresenta vários exemplos da restrição espacial de topónimos desse tipo, hoje limitados a uma parte da área a que deram nome na alta Idade Média.

35 Salvo indicação expressa, as distâncias aparecem referidas à aldeia de Zobra.

36 Estamos perante um espaço que poderia ter sido ocupado por ca. 50 letras.

37 Consideramos como tal uma circunferência com centro em Zobra e com um rádio de 5 a 10 km.

38 Limitada no leste por Forcarei e no sul pelos concelhos ourensanos de Beariz e do Irixo.

poderia ter designado o conjunto de elevações situadas a sul do Couto de Zobra (Ágoa, Serra, Penón, Pena de Nájina, Pena Pixín)³⁹.

. **Deza** («monte Zobra que jace inter II^{os} ribulos **Deza** et **Fletas**»). Segundo foi exposto, todos os dados apontam convergentemente para este curso fluvial como um dos dados topográficos com que se descreve a propriedade (ou talvez simplesmente a localização do monte de Zobra?). Um erro espalhado a partir da publicação da *Carta Geológica* de Fontán (1835) levou a confundi-lo com o rio Asneiro ou Dozón⁴⁰. A cartografia mais actual (IGN) situa no curso alto desse rio o limite entre os concelhos de Beariz e do Irixo, desde o lugar das Antas, (freg. Lebozán, c. Beariz).

. **Fletas** («monte Zobra que jace inter II^{os} ribulos **Deza** et **Fletas**»). Como no caso do Deza, esse curso fluvial (actualmente «Chedas») aparece como um dos elementos topográficos utilizados para delimitar a propriedade vendida (ou simplesmente para precisar localização do monte de Zobra?). Chedas também é na actualidade uma pequena aldeia (freg. Zobra) próxima do rio desse mesmo nome⁴¹.

. [...] **Orditas** («<--> **Orditas** et inde per ipsos terminos super **Causo** et inde per ipsos terminos super **Currales** et inde in **Pennas Maiores**»). Antes de mais, devemos notar que a prática totalidade dos editores revelam grande incerteza sobre o termo com que principia a quarta linha. Friedel, Martínez de Salazar e Lucas Álvarez iniciam esse segmento com a terminação «-ditas», López Ferreiro estampou «-ta» enquanto que Sáez & Sáez oferecem a leitura «[stra]tas». Na transcrição apensa ao pergaminho (e na edição de Murguía) encontramos «orditas» cuja «estranheza» nesse contexto foi provavelmente a causa que levou os estudiosos posteriores a elegerem outras alternativas. A presença de «Penas Urdidas» (<lat. ORDITAS) no âmbito geográfico em foco apoia o resultado que apresentamos, donde se deduz que no final da terceira linha talvez figurava o substantivo «pennas». Aquele topónimo aparece hoje atribuído a uma elevação imediata ao rio Deza (freg. Lebozán, c. Beariz OU), a 5 km SW de Zobra.

. **Causo** («leua se ipsa uilla <--> [stra]tas et inde per ipsos terminos super **Causo**»). É possível que a amputação marginal da linha terceira esteja a ocultar dados sobre a referência prévia, o que cria dificuldades para optarmos por um dos dois pontos que como «Couso» localizámos na área limítrofe de Zobra. O mais próximo é a aldeia de Couso (freg. Espiñeira, c. O Irixo OU), situada em área imediata SE do Couto de Zobra no vale do mesmo nome (Val de Couso), atravessado pelo rio Chedas. Esse topónimo aparece de novo nas abas de um

39 Podemos pensar que esse sector do Testeiro era aquele que levava, em origem, a denominação de «Zobra». Esse nome terá sido atribuído à povoação de Zobra, situada na aba setentrional desse conjunto de elevações e daí pôde passar facilmente ao monte situado imediatamente a norte da aldeia de Zobra. Notemos que, de facto, o nome é «Couto de Zobra».

40 Podemos, portanto, encontrar trocados os nomes desses rios ou, fruto do erro mal corrigido, como sendo os dois o (mesmo) rio Deza.

41 Nasce nos montes do Testeiro, cruza a freguesia de Zobra e une-se ao Deza em Vilatuxe (c. Lalín).

monte situado a 6.5 km SW de Zobra (freg. Madanela, c. Forcarei) e a 3 km NW de Penas Urdidas.

. **Currales** («*super Causo et inde per ipsos terminos super Currales*»). Para este ponto do perímetro do vilar temos uma referência prévia (*Causo*) e uma posterior (*Pennas Maiores*). O único topónimo directamente identificável com ele, do ponto de vista etimológico, é o «Monte dos Currás», elevação orográfica situada na freguesia de Cusanca (c. O Irixo OU) a 7 km SW de Zobra. Ora bem, tendo em conta o significado deste termo, esses «Currales» poderiam ter recebido também a denominação de «Curros», dada a identidade etimológica e semântica existente entre estes dois termos (Varela Sieiro 2008: 2008-211). Localizámos esta última forma a 1,5 km de Couso no SE (freg. Madanela, c. Forcarei).

. **Pennas Maiores** («*super Currales et inde in Pennas Maiores*»). Como noutros casos, a mutilação do suporte impede saber qual era a referência geográfica que seguia «*Pennas Maiores*». Não conseguimos identificar descendentes directos desse topónimo na circunvizinhança de Zobra; a localização mais próxima, como «Pena Maior», situa-se na freguesia de Torrecela (c. Piñor) muito longe da área em foco. Pelo contrário, os topónimos «Pena Grande», «Penas» ou «Pena» (associados a outros elementos) contam com uma presença muito frequente na área de Zobra. Entre os pontos que poderiam ser pertinentes para a nossa pesquisa, podemos citar cinco casos de «Pena Grande» em: Zobra (c. Lalín), nas abas do próprio Couto de Zobra⁴²; Espiñeira (c. O Irixo), 1,5 km SE; Vilatuxe (c. Lalín), 5 km NW; Madanela (c. Forcarei), 6,5 km SW; Dadín (c. O Irixo), 12 km SE. Quanto às «Penas», registámos esta denominação a 6 km SW na freguesia da Madanela (c. Forcarei). Também devemos notar a existência (na própria freguesia de Zobra) de «Penón» a 2,5 km S e de «Pena de Naxina» (< lat. MAXIMA?) imediato, no leste, ao anterior.

. [...] **scura** (?) («<..u..> *scura et inde in anta*»). A forma que precede *escura* encontra-se hoje totalmente apagada, são unicamente perceptíveis alguns restos daquilo que parece ser um «u». Na transcrição apensa ao pergaminho –com letra do séc. XVIII– figura «*silu ... scora*». Sáez & Sáez (1996: 85) editam como «*[Silua] Scura*», notando com os parênteses rectos aqueles segmentos «que no se ven en el pergamino ni aun con lámpara ultravioleta» (p. 84). Apesar de ter sido registado noutros pontos da Galiza, não conseguimos identificar «Silva Escura» –ou «Silvoscura»– nessa área. O topónimo formalmente mais próximo é «Silvares» a 6.5 km SE (freg. Froufe, c. O Irixo). Num ponto situado a 1,5 km NW de Penas Urdidas, perto de Couso (c. Forcarei) e de Nogueira (c. O Irixo), encontrámos Val Oscuro. Ora, se pensarmos que *vallis* era feminino, *scura* poderia ter acompanhado esse substantivo. Notemos ainda a existência de «Porto Oscuro» a 9 km NW (freg. Aciveiro, c. Forcarei).

. **anta** («*et inde in anta et inde in ribulo de Lobos*»). O topónimo das «Antas» (às vezes como «Santas») aparece na cabeceira meridional do rio Deza (freg.^a de Lebozán, c. Beariz,

42 O topónimo foi referido pelos próprios habitantes de Zobra.

6,5 km SW) a 2 km S de Penas Urdidas. Nesta povoação ainda se conserva uma anta ou marco que parece ter servido de limite entres as dioceses de Santiago, Lugo e Ourense. A uma distância de 15 km SW (freg. A Xirazga, c. Beariz), registámos «Porto da Anta».

. **ribulo de Lobos** («*in anta et inde in ribulo de Lobos et inde per ipsa strata de Zobra que discurrere in Portugale*»). Não achámos um «rio de Lobos» na área objecto de estudo, mas esse conteúdo semântico ('de lobos') pode aparecer hoje sob outros desenvolvimentos. O rio Lobagueira⁴³ percorre o sector norocidental do actual município do Irixe desde a freguesia da Espiñeira, limítrofe com a de Zobra, até ao ingresso no concelho de Avión (onde conflui com o Viñao). O seu relacionamento com «lobo» proposto por Machado (1993, s. v. *Lobagueira*⁴⁴) talvez poderia ver sugerido pelo facto de esse rio ter a mais setentrional das suas nascentes no Campo de Lobos (freg. Lebozán, c. Lalín). É precisamente nesse último local, mas já na vertente norte, que se origina o rio Lebozán (ou Lobezán), cuja possível conexão com o «*Ribulo de Lobos*» foi notada por Ares Vázquez (2004: 138)⁴⁵.

. **strata de Zobra que discurrere in Portugale** («*in ribulo de Lobos et inde per ipsa strata de Zobra que discurrere in Portugale*»). A estrada na direcção de «*Portugale*» foi um importante motivo para pensar que o documento podia fazer referência a um território situado na área lusitana do rio Douro. Posta de parte essa interpretação, consideramos duas hipóteses: ora que se fale de uma via que se dirigia a Portugal –ou melhor à cidade do Porto–, ora que se aluda a algum local da zona que não sobreviveu numa forma identificável com aquela de modo linear⁴⁶. No oeste de Zobra encontramos quatro topónimos compostos cujo primeiro elemento é «Porto» (ou «Portiño»): Porto do Frade (5 km NW, freg. Millerada, c. Forcarei), Porto Martín (2 km NW, freg. Zobra), Porto de Carros (5 km SW, freg. Madanela) e Portiño de Baixo (4 km SW, freg. Madanela). Aliás, esse é o nome («Porto») de um dos afluentes do Deza (situado imediatamente a sul dessa área) ao qual se une na própria freguesia de Zobra.

Com os dados compilados, podemos tentar delimitar, no possível, o espaço que ocupava o vilar de Zobra ou de Nogueira (?) adquirido por Cacaril, Gondemaro e Fonsino. A destruição de uma quantidade importante de texto, junto com a imprecisão de muitos topónimos utilizados, nomeadamente pela sua coincidência com nomes comuns, perturbam

43 Este rio recebe as águas dos Montes do Testeiro através de vários afluentes e aparece, ocasionalmente, identificado apenas com um deles ou com o nome de Viñas.

44 Registámos a forma “Lobageiras” num documento latino de 1246 (Romani Martínez 1989, nº 580).

45 Navaza Blanco (1998: 906) prefere considerá-lo, de acordo com outros estudiosos, derivado do lat. NEPO-TIANUS. A ocorrência na Idade Média da forma *Loboçan*, apesar de ser considerada por este autor como «coa vocal da sílaba inicial labializada», poderia depor a favor da sua relação com «lobo», porém será necessário confirmar a existência real desse resultado na documentação.

46 De facto, temos constância documental da existência desse topónimo noutros pontos da Galiza na Alta Idade Média e na actualidade. Um documento do *Tombo Velho de Lugo* (897), mesmo se falso, certifica-nos da existência de uma «*uilla uocitatam portugale*» (Floriano 1951, nº 151), identificável com o actual Porto (freg. Quinte, c. Corgo, LU). Ainda hoje, no concelho de Coristanco, registamos o topónimo Portugal.

notavelmente a tentativa de delinear os contornos daquele território. Analisemos agora os dados toponímicos nos três blocos em que ocorrem, visto que a quebra textual constitui um entrave notável para estabelecer com precisão o relacionamento que existia entre eles:

a) «*Nugaria subtus monte Zobra que jace inter II^{os} ribulos Deza et Fletas et inde per suis terminis antiquis leua se ipsa uilla*». Nogueira («*Nugaria*»), sob o monte de Zobra, parece ter sido o núcleo de uma grande propriedade rústica disposta entre os rios Deza e Chedas, portanto, antes da confluência dos mesmos; o que nos leva à freguesia lalinense de Zobra e ao seu contorno, já nos concelhos de Forcarei, de Beariz, de Boborás e do Irixo. Do nosso ponto de vista, o topónimo da Nogueira na freguesia do Regueiro (c. O Irixo) é aquele que, pela distância (3,5 km) e situação SW, melhor se conforma com essa hipótese. Situamo-nos na margem direita do alto Deza, concretamente na vertente ocidental dos montes do Testeiro W, elevação orográfica de que o próprio monte de Zobra forma parte no sector setentrional. A Nogueira parece dar nome à vertente ocidental dos montes situados imediatamente a leste da confluência do rio da Chouriza com o Deza.

b) «*Orditas et inde per ipsos terminos super Causo et inde per ipsos terminos super Currales et inde in Pennas Maiores et inde ad ter<-->*». O primeiro termo deste excerto remete a Penas Urdidas, topónimo que, por infrequente, representa uma localização sólida. Como dissemos, situa-se aproximadamente a 1 km da Nogueira no lado oposto ao vale formado pelo rio Deza. Estamos, segundo se insinuava no segmento anterior, na primeira parte do perímetro dessa *villa*. Os topónimos que se seguem não possibilitam conclusões tão seguras, contudo, se aceitarmos que se está a desenhar o limite SW desse vilar, teremos de os relacionar com lugares situados a oeste de Penas Urdidas. Ora bem, o sector ocidental dos afluentes do rio Deza aparece delimitado (W) por uma linha montanhosa na qual registamos, ao longo de 4 km S-SE, a sequência: Couso - Pena Grande - Curros - Pena da Cruz - Monte do Marco - Pena⁴⁷, que poderá ser associada (com diferentes possibilidades) à série: *Causo - Currales - Pennas Maiores* do DQ. Pelo contrário, a identificação de *Causo* com o Couso limítrofe de Zobra (freg. Espiñeira) levar-nos-ia à provável área NE dessa *villa*, muito afastada do espaço Nogueira - Penas Urdidas. Também se pode admitir que neste momento só se está a delimitar a *villa* de Nogueira, dentro do vilar de Zobra, que poderia ficar integrada entre Penas Urdidas - Couso [- Curros] – [Pena de Naxina / Pena Grande].

c) *et inde in <..u.> scura et inde in anta et inde in ribulo de Lobos et inde per ipsa strata de Zobra que discurre in Portugale <--> unde primitur dicimus*. Mantemos algumas dúvidas sobre a secção concreta que se descreve, a começar pelo incerto da primeira referência a que se aplica o adjetivo de «*scura*». A única forma com esse elemento, Val Oscuro, entre Couso e Nogueira, fica longe do sector SE-E-NE-N que este excerto parece estar a delimitar.

47 Se associarmos cada um desses topónimos ao ponto geográfico imediato de maior altitude obtemos: Couso - 884, Pena Grande - 837, Curros - 825, Pena da Cruz - 950, Monte do Marco e Pena 870.

Quanto à «*anta*», vários estudiosos propuseram o lugar das Antas⁴⁸; no entanto, a sua proximidade relativa ao grupo anterior de topónimos põe algumas dificuldades, de facto esperaríamos, tendo em conta o texto faltoso, uma localização mais oriental. Como alternativa podemos apontar Silvares, para um suposto «*siluoscura*». Se seguirmos (águas acima) esse curso fluvial, identificável com «*ribulo de Lobos*», chegamos às proximidades do nascimento do rio Chedas⁴⁹. O último elemento fisiográfico utilizado é uma estrada que de Zobra vai ter a *Portugale*. A identificação dessa via foi objecto de atenção por diversos estudiosos, assim Murguia (1891: 363) transmitia a opinião de Sobreira e a sua própria ao respeito:

Por cierto que refiriéndose [Sobreira] á la villa vendida por Quizagón, y cuya situación según el documento era entre los ríos Deza y Fletes cerca del lugar de Portugal; añade: «Indaguese que Portugal fue este que no existe y suena en otras cosas mías» Nosotros tampoco le hemos hallado. Solo sabemos de un lugar de Porto Cal en el ayuntamiento de Sobrado, pero su situación no corresponde á la indicada en esta carta. Sin duda desapareció.

Ventura Cañizares (1946: 96) considera que poderia tratar-se de «Portomartín, a la izquierda del Deza y como a 2 kilómetros de Zobra, al O.», no entanto, o mais provável é que o topónimo em foco não tenha chegado à actualidade. Seja como for (cf. supra), a estrada em foco terá sido utilizada para definir o perímetro do vilar na sua secção setentrional, chegando de novo ao rio Deza, hidrónimo com que principiara o processo de demarcação.

Do anterior surge uma extensa propriedade situada a sul do monte de Zobra e inserida, em essência, entre os cursos fluviais do Deza (O), do Chedas (NE) e do Lobagueira (W). Ao que parece, no seu extremo SW abrangia os vales fluviais dos afluentes do Deza originados no SE do actual concelho de Forcarei e tinha como fronteira oriental, numa interpretação possível, a elevação orográfica que encerra esses vales. O perímetro meridional ligava esse espaço com o extremo sul do rio Lobagueira, na zona de Froufe ou de Parada de Labiote (c. O Irixo), pelo qual esse vilar também terá ocupado a parte mais setentrional dos actuais concelhos de Beariz e Boborás. O limite setentrional pôde ser alguma das vias que, em direcção oeste, unem a área habitada de Zobra com o rio Deza. Quanto à Nogueira, denominação com que provavelmente se conhecia total ou parcialmente essa *villa*, foi identificada com o local do mesmo nome próximo ao rio Deza (extremo setentrional do Regueiro, c. O Irixo).

48 Cañizares (1946: 79) considera expressamente que se trata do ponto citado no *DQ*: «*Anta*. Uno de los términos de la villa de Nugaria en 788. Probablemente As Antas, cuyos vecinos hasta 1893 estaban distribuidos entre las parroquias de Espiñeira (Ayuntamiento de Irijo), Moreiras (Boborás) y Santa Cruz de Lebozán (Beariz), pertenecientes respectivamente, a las diócesis de Lugo, Orense y Santiago, que allí confinaban en un punto, en que aún se conserva una anta, marco o mojón que servía de límite.»

49 Entre as áreas em que se geram esses dois rios medeia uma distância de ca. 400 m.

4. Percursos

O *DQ* reflecte, portanto, uma compra/venda entre particulares sobre uma extensa propriedade situada na área meridional dos montes do Testeiro, região limítrofe com o antigo condado de Deza⁵⁰, 22 km a SW do mosteiro de Carboeiro. No entanto, a escritura aparece, pelo conteúdo e alegada cronologia, como independente da existência dessa comunidade monástica, documentada apenas desde 926⁵¹ aquando da sua fundação por Gonçalo Betotes e Teresa Eriz, condes de Deza. A presença do documento nesse arquivo monástico poderá ser explicada na sequência de alguma venda ou cessão patrimonial ao mosteiro cujo precedente documental foi a transacção plasmada no *DQ*⁵². De facto, como costuma acontecer, o núcleo diplomático de Carboeiro consta de actas que testemunham diversos negócios jurídicos entre particulares sobre propriedades que posteriormente passaram ao domínio do cenóbio⁵³. O *DQ* integra-se numa pequena colecção de documentos anteriores à fundação do mosteiro: um original de 878⁵⁴ e dois extractos de 863 e 873⁵⁵, transmitidos por inventários dos sécs. XVII e XVIII. Este grupo de cartas, situadas no terceiro quartel do séc. IX, possui homogeneidade cronológica e é coerente com a documentação daquele mosteiro durante a primeira metade do séc. X. Nesse conjunto, a data de 788 que exhibe o *DQ* introduz uma abrupta discontinuidade temporal (75 anos em relação à escritura de 863 e 138 respeito à de fundação do cenóbio) que poderia representar um factor de dúvida sobre a existência real de um diploma daquela data⁵⁶.

Não conseguimos identificar a carta de que o *DQ* possa ter sido precedente documental. As referências mais próximas (em extracto) levam-nos, do ponto de vista geográfico, às freguesias de Cusanca no ano 1126 e à do Campo em 1221⁵⁷, as duas no Irixo, mas longe da área a que supomos se alude no *DQ*. A única menção susceptível de ser relacionada com o nosso texto surge na síntese de uma escritura de 1144 transmitida pelo *Tombo XVI* (1611) do Arquivo Histórico Diocesano de Santiago: «*Probança entre el Monasterio de Carboero y doña Mayor Oduariz sobre el casal de Nogueiras, era de 1182. Maço III, f. 39*» (fl. 396v).

50 Cf. Cañizares (1946: 74-75).

51 Dois documentos de 922 de que são titulares, respectivamente, os condes fundadores e a filha deles reflectem a cessão de propriedades ao futuro cenóbio (Lucas Álvarez 1999: 924, nº 4; 951, nº 3).

52 Não parece lógico pensar num depósito por parte de particulares com a única finalidade de assegurar a conservação dessa escritura.

53 A entrega da documentação prévia que justificava a posse de um determinado bem aparece ocasionalmente plasmada em alguns diplomas. Numa escritura de 1162 outorgada pelo abade Vital de Oseira podemos ler: «*Insuper et damos vobis cartulas donationis quas inde habebamos a comite, videlicet, Roderico et Domina Sancia, filia comitis Pontii et filiis eius et domini Velae.*» (Romani Martínez 1989: 47, nº 39).

54 AUS, S. Martinho, pergaminhos, nº 2.

55 Veja-se Lucas Álvarez (1999: 951, nº 1 e 2).

56 A existência de intervalos cronológicos muito dilatados está, contudo, bem documentada noutros fundos.

57 Veja-se Lucas Álvarez (1999: 960, nº 61; 973, nº 141).

O documento, hoje perdido, reflectia provavelmente a existência de uma disputa patrimonial sobre um casal que pôde estar situado na vila Nogueira vendida por Quiza Gonteriquiz. Tal ensejo poderia ter sido um motivo para centrar a atenção na documentação que assegurava a Carboeiro a posse daquela propriedade e, eventualmente, para favorecer algum tipo de «intervenção» sobre a mesma. Os partidários de atribuir carácter fictício ao *DQ* achariam assim um argumento para o postular como falsificação alicerçada em móbil económico. Essa possibilidade é, contudo, difícil de aceitar à vista do conteúdo relativamente «ingénuo» do texto. Com efeito, estaríamos perante uma falsificação de carácter muito indirecto já que no *DQ* não se estabelece qualquer relação entre a propriedade e o mosteiro. Evidentemente, não há nenhum dado objectivo que possa certificar a validade dessa hipótese (cf. infra), nem mesmo no seu ponto de partida, isto é, na identificação de Nogueiras com a vila citada no *DQ*.

Ainda referido à «biografia» do *DQ* devemos considerar o interesse que parece ter provocado em algum estudioso, talvez um dos responsáveis pelo arquivo de S. Martinho. Com efeito, apensos ao pergaminho encontramos dois textos com letra do séc. XVIII em que se alude, entre outros aspectos, à antiguidade desta escritura e concretamente ao facto de ser a mais antiga das custodiadas naquele arquivo. No primeiro lemos o seguinte: «Papel mas antiguo que hai en este Archivo. Era de 826 (dcccxxvi) que es año de Christo 788. En Gotico. Que es una venta que hizo Quizagon de ... á Cakari, ó a Ondemaro y Fonsino y sus herederos. Se halla colocado en el Mazo 13 de Pergaminos - Pieza 122.» Para além de uma transcrição bastante correcta, o segundo inclui este comentário: «Hallase en el Archivo de S. Martin de Santiago entre varios fragmentos de otras escrituras. Los caracteres de aquel tiempo en el tom. 3 de la nueva Diplom. en la plancha que esta despues del fol. 686 se halla la misma forma de letra que tiene el original de este traslado.» Apesar de este último escrito aparecer actualmente anexo ao próprio pergaminho, a indicação sobre a localização do diploma bem como o cuidado na apresentação do texto⁵⁸ levam a pensar que foi utilizado para dar a conhecer o *DQ* fora do próprio âmbito conventual de S. Martinho. A obra a que se alude é o *Nouveau Traité de Diplomatie*, publicado pelos religiosos beneditinos Toustain & Tassin, cujo terceiro volume saiu do prelo em Paris no ano 1752⁵⁹. A gravura («plancha») citada constitui uma amostra de escrituras da Grã Bretanha (Escócia e Inglaterra). Pela suposta coincidência cronológica, parece que o autor daquele texto notava uma semelhança entre a letra do *DQ* e algumas das reproduções fac-similares inglesas do século VIII; mas é evidente que se trata de tipologias muito diversas, apesar de apresentarem um tom gráfico similar.

Na primeira parte deste trabalho, pudemos verificar como a impugnação da originalidade e/ou da autenticidade do *DQ* se prendeu amiúde à presença entre os confirmantes de dois «reis»: Ramiro e Silo. De facto, é lícito pensarmos que sem a presença dessas

58 Chega, por exemplo, a corrigir um erro cometido no início da quinta linha colando uma estreita faixa de papel com o fragmento textual restaurado.

59 Os seis volumes que a conformam apareceram entre 1750 e 1765.

confirmações muitas das objecções não se teriam articulado. Os dados documentais –alguns já referidos ao longo destas páginas– garantem que a existência desses «reis» não é ficção. Em primeiro lugar, cumpre precisar o que podia significar a palavra «rex». Do nosso ponto de vista, não se está a falar exactamente do monarca, mas provavelmente de elementos da elite nobiliárquica dotados de poder muito extenso. Notemos que estamos perante dois «reis» e que estes subscrevem antes da autenticação do notário, portanto, não se trata de um rei e da confirmação posterior de um sucessor, mas de dois indivíduos em presente, situação que colide com o que é a figura singular do soberano. Quanto ao significado concreto, o primeiro documento plenamente romance dos produzidos na Galiza (1231) alude à figura de um «rei» que não parece coincidir com o soberano: «*facauos entergar O rey da terra e leue a pea que iat no plazo*» (Souto Cabo 2008: 51, nº 27). Expressões similares, aliás frequentes, contêm normalmente o conceito e a forma de «senhor da terra».

Para além das conjecturas que se retiram do texto, a documentação certifica-nos da existência de uma figura de nome Silo a que se atribuía o qualificativo de «rei». Referimo-nos a duas escrituras de 958 e 968 –editadas no fim deste trabalho– custodiadas, respectivamente, no Arquivo Diocesano de Santiago⁶⁰ e no Arquivo Histórico Nacional de Madrid⁶¹. A mais antiga pertenceu ao núcleo documental do mosteiro de Carboeiro e dela conservamos o original. Já a carta de 968 foi preservada num «pseudo-original en visigótica del s. XII», segundo a qualifica Lucas Álvarez (2001: 173, nº 3). Trata-se de duas doações, a Carboeiro e a Ante-Altares, de que são titulares os irmãos Bermudo e Nuno, filhos de Silo: «*prolix Silonia / prolix silonis*» e, por sua vez, netos do «rei» desse mesmo nome: «*auus meus rex Silus*»⁶².

Estes documentos oferecem importante informação relativa à família e aos ancestrs de Bermudo e de Nuno, nomeadamente sobre o «rei» Silo, avô deles. Essa estirpe tinha importantes propriedades no NW do actual concelho de Lalín, no espaço que medeia entre as freguesias de Donsión e Losón (12 km). Bermudo cede ao mosteiro de Carboeiro diversas herdades, uma delas situada «*in ipsa uilla pumare tras Alli*», que supomos imediata à área que tem o nome de «Alle» (freg. Filgueira, c. Lalín)⁶³. Por seu turno, o diácono Nuno oferece a Ante-Altares propriedades cuja origem remonta em vários casos ao avô: «*Et de uilla Ouali Xª, et de uilla de Uergazos Xª, et de Uilla Mala totam ipsam hereditatem quam ibi gadanauit auus meus rex domnus Silus*», «*hereditates proprias quas habeo in ualle de Deza <..> uocitata Felgaria cognomento Siloni*» onde situa a igreja de «*sancta Eolalia ab auis meus fundata*». Esta última referência situa-nos em Santa Eulália de Donsión, denominação que deriva historicamente de (VILLA) DOMINI SILONI. Como vemos, a (antro)toponímia

60 AHDS, S. Martinho, maço 79, nº 3.

61 AHN, Mosteiro de Ante-Altares, maço 518, nº 1.

62 Esta segunda declaração só consta no documento de Ante-Altares.

63 A 1,5 km SE de Donramiro ocorre Donfreán que poderia aludir a outro «rei» (o pai de D. Ramiro?).

da zona conserva pegadas evidentes desse «rei» Silo: Donsión, Losón⁶⁴, Vilasión (freg^a Amaranete, c. Antas), Xirón⁶⁵ (freg. Cercio, c. Lalín) e, em menor medida, de D. Ramiro que com aquele confirma o *DQ*. «Don Ramiro» (ou Donramiro) é o nome de uma freguesia limítrofe com a de Donsión, o que nos induz a pensar que se tratava de dois membros da mesma linhagem, talvez pai (Ramiro) e filho (Silo)⁶⁶.

«Ramiro» e «Silo» não são os únicos nomes próprios do texto representados na toponímia. De facto, segundo se expõe a seguir, uma parte dos restantes antropónimos aparecem espelhados na geonomástica da zona:

- . (A)*Fonsino* [(ADE)FONSUS] : (VILLA) ADEFONSINI > Afonsi[-n, -s] (c. Lalín, c. Silleda)
- . *Donato* [DONATUS]: (VILLA) DONATI > Doade (c. Beariz, c. Lalín)
- . *Lodemirus* [LEODEMIRUS]: (VILLA) LODEMIRI > Loimil (c. Estrada)
- . *Malerigus* [MALERICUS]: (VILLA) MALERIGUICI > Margariz (c. Silleda)⁶⁷
- . *Todixu* [TEODISCLUS]: VILLA TODIXI > Vila Tuixe > Vilatuxe (c. Lalín)

Desconhecemos se essa concordância resultou apenas do acaso, mas é evidente que podemos estar perante indivíduos citados no *DQ*, certamente integrantes da elite nobiliárquica da região de Deza.

A documentação e a toponímia asseguram, portanto, a existência histórica dos «reis» Silo e Ramiro citados no *DQ*. No entanto, as escrituras também confirmam, pelo menos relativamente ao primeiro, que com a denominação de «*rex*» se aludia a um grande senhor latifundiário e não ao soberano. O título que se atribuía a essa figura feudal (uma espécie de vice-rei?) parece ter-se extinguido com a morte de Silo; ninguém mais parece ter utilizado aquela denominação posteriormente.

64 Esta forma poderá resultar de uma metátese a partir de SILON(E). Notemos, aliás, que também neste caso a padroeira é Sta Eulália.

65 A transformação de *-l-* em *-r-* regista-se, por exemplo, na passagem de *Alanti* do *Diploma do rei Silo* ao actual Arante.

66 García Leal (2007: 199-200) aponta: «Ni que decir tiene que nunca existió tal rey don Silón, al que se refiere —como vemos— una parte de la historiografía gallega. Tales documentos pueden referir-se bien a nuestro rey asturiano, bien a algún personaje notable homónimo de la misma época. Ambas opciones, además, no están reñidas, puesto que en el documento de 788 no se menciona para nada la condición de rey del tal Silo (que podría ser un notable de la zona), mientras que en el de 960 sí. Lo más interesante de estos textos es que, de aceptarse su relación con el rey asturiano, abonarían la suposición de una importante vinculación personal y patrimonial de él con Galicia.» Lembremos, contudo, que no *DQ* consta explicitamente a condição de «*rex*» atribuída a Silo. Por outro lado, como vemos, confunde e troca dados sobre um hipotético diploma de 960 identificado erradamente com um «documento al que Lucas Álvarez (1958: 217, nº 24 del apéndice 2, es decir documentos perdidos que conocemos por extractos) asigna el año 980».

67 Esta hipótese é menos segura e seria necessário considerar a existência de passos intermédios em que se incluem processos de assimilação e metátese: Mal(e)riguici > Malraguiz > Malgueriz > Margariz.

5. Cronologia

Se aquelas duas escrituras esclarecem a realidade histórica de Silo, podem ainda oferecer um ponto de referência sólido para estabelecer a cronologia desse «rei» e, indirectamente, do próprio *DQ*. Como notara Martínez Salazar, a propósito do documento de *Nuno Silonis*, é inadmissível que distem ca. 170-180 anos entre o ocorrência do «rei» Silo (de Deza) e a presença documental dos seus netos; o lógico será situar esse intervalo entre 40 e 90 anos. Nessa conformidade, teremos de concluir que a data do *DQ* (788) apresenta um desvio de ca. 100 anos relativamente àquilo que se pode deduzir dessas cartas de 958 e 968.

A localização cronológica constitui, como vimos, um ponto crítico das diversas análises a que o *DQ* foi submetido. De entre os argumentos utilizados para a datação do mesmo, poucos são aqueles que nos oferecem algum tipo de segurança (relativa) ao respeito. Lembremos, por exemplo, a enorme distância que corre entre as propostas de alguns paleógrafos: Lucas Álvarez (1958, 1999) remete-o para o século XII ao passo que Sáez & Saez (1996) consideram possível integrá-lo no séc. IX. Todavia, existe coincidência, embora por motivos muito diversos, na consideração do exemplar conservado como uma cópia.

Uma vez identificado o território objecto de compra-venda e esclarecida a identidade dos «reis» —ou magnates— que confirmam a escritura, desaparecem alguns dos motivos que levaram a duvidar da autenticidade do diploma. No entanto, à hora de decidir sobre esse aspecto e ainda sobre originalidade do *DQ*, deparamos com um obstáculo muito importante como é apurar qual foi a data que realmente figurou no exemplar em foco. Antes de abordarmos pontualmente esse pormenor, vejamos outros dados que podem deitar luz sobre os aspectos cronológicos do documento e/ou do espécime que se conserva.

O possível desfazamento entre a data que actualmente consta no *DQ* e aquela que sugere a sua relação (familiar) com as escrituras de 958 e 968 pode ainda ser confirmada pela presença do patronímico *Gonteriquiz*. Com efeito, a fórmula antroponímica anterior ao séc. IX limita-se a um elemento singular, só a partir dos inícios dessa centúria é que deparamos com uma nomeação dupla. A ocorrência de um sistema composto, baseado na filiação paterna como segundo elemento, é ainda mais tardia⁶⁸; contudo, existem alguns exemplos que permitem identificar o começo dessa prática ainda na segunda metade do séc. IX⁶⁹. No *DQ* registámos um total de 18 denominações pessoais das quais só uma integra dois elementos, sendo o segundo um patronímico com sufixo *-iz*: *Quiza Gonteriquiz*, isto é, 5,5% do total. Aliás, é interessante notarmos que na segunda ocorrência do vendedor surge apenas a fórmula de nomeação simples: *Uiza*, facto que sugere uma implementação incipiente e hesitante

68 Costuma ser situada na segunda metade do séc. X:

69 Veja-se Boullón Agrelo (1999: 23-24) e Portela Silva & Pallares Mendez (1995: 31). O exemplo peninsular mais antigo parece ser *Monnio Nuniz* em 824, mas só se observa continuidade cronológica a partir da década de 50 do séc. IX.

do sistema dúplice. Estes dados poderão sugerir como enquadramento cronológico para a elaboração do documento (original) o período que vai de ca. 850 a ca. 950.

Entre os elementos utilizados para propor a pós-datação desta escritura, também se aludiu a alguns resultados linguísticos concretos. Martínez Salazar (1903: 790-792) chegava a citar, com esse propósito e por motivos diversos, formas como: *Uiza*, *artigulo*, *Portugale*, *conplaguit*, *Malerigus* ou *nicil*. A primeira –*Uiza*–, considerada como erro de cópia por *Quiza*, servia para demonstrar o carácter não original do exemplar conservado:

esta carta de venta presenta todos los caracteres de una copia, no muy fiel si se tienen en cuenta algunas enmiendas y omisiones que en ella se observan, como sucede en la fecha y en el nombre del otorgante, que en el texto se lee *quiza* (línea 1) y en la subscripción *uiza* (línea 12), habiendo omitido el escriba la *q* inicial⁷⁰.

Porém, *Uiza*, junto com *Quiza* e outras variantes, está largamente documentada em textos alto-medievais galegos⁷¹.

Quanto àqueles resultados que testemunham a sonorização de –K– (*artigulo*, *Portugale*, *conplaguit*, *Malerigus*), Martínez Salazar caracterizou a sua presença como rara e não anterior ao séc. IX: «El cambio de *c* (*k*) palatal fuerte, en *g* suave [...] no lo hemos visto sino rara vez en el citado siglo IX». Formas similares ocorrem com alguma frequência na documentação desde o período mais antigo até à primeira metade do séc. XI. A partir dessa altura a sua presença torna-se muito esporádica e apenas ocasional nos primeiros anos do séc. XII⁷². O mesmo podemos dizer de *nicil* cujos primeiros testemunhos são mesmo anteriores a *nichil*⁷³ pelo qual não podemos validar a opinião de Martínez Salazar (1903: 792) quando afirmava (restritivamente) que: «La forma *nicil* se ve con frecuencia en los documentos de los siglos X al XII»⁷⁴.

70 Essa suposição terá levado Lucas Álvarez a apresentar a leitura *Quiza* (1957-1958: 240).

71 Boullón Agreló (1999: 458, s. v. *Vitiza(ne)*) regista esse tipo em diversas fontes, mas esqueceu-se da forma presente no *DQ* apesar de tomar como base a edição de Sáez & Sáez (1999) em que figura como tal: «Seguimos, pois, esta datación, e concordamos coas modificacións destes últimos editores con respecto á lectura de Lucas» (Boullón Agreló 1999: 491).

72 Vejam-se os dados referidos a (*com*)*plagui(t)* ou a *artigulo* no CODOLGA e em Fernández Catón (2002) para os diplomas leoneses. Lembremos que uma parte muito importante da documentação é conservada por cópias e que estas, como foi verificado (cf. Emiliano 2003: 227-228), alteram muitas dessas grafias ao introduzirem o grafema correspondente à consoante surda (originária).

73 De acordo com Fernández Catón (2002: 242-243), o resultado *nicil* ocorre pela primeira vez num original de 876 (ACL, nº 349) enquanto que *nichil* só aparece numa cópia em 894.

74 Puentes Romay (1996: 545) confirma a antiguidade e continuidade do uso de *nicil* no noroeste ibérico: «Uno de los rasgos más típicos de la documentación del Occidente Peninsular es la presencia constante de estas formas.» Esse autor alude igualmente à substituição dessa forma a partir do séc. XII: «Pero a partir del siglo XII comienza una rápida regresión de estas formas. Los documentos copiados en cartulários y tumbos a partir de este momento tienden a sustituir sistemáticamente estas formas por las escritas con –CH– o incluso

Em relação com o anterior, devemos notar que a ocorrência de diversos «romanismos» no *DQ* é bastante expressiva, mais se tivermos em conta o reduzido tamanho do texto. Entre eles, limitando-nos apenas a aspectos grafo-fonémicos, podemos citar:

1. Vocalismo romance: *Avolinu, discurre, Donato, Osorio, Ranolfo* (<RANULFUS), etc.
2. Ditongo galego português /ej/: *Eirigus* (<AGERICU).
3. Neutralização da oposição entre a oclusiva bilabial sonora e a fricativa bilabial sonora em posição intervocálica: *deuitum, mouiles, inmouiles, ribulo, ribulos, tiui*.
4. Sonorização das oclusivas surdas intervocálicas: *artigulo, complaguit, Lobos, male-rigus, noduit, Nugaria, Portugale*.
5. Palatalização (?): *Todixu* (<TEODISCLU).
6. Transformação do grupo *fl-* em *fr-*: *Frauinu* (<FLAUINUS).
7. Queda das consoantes finais: *a, confirma, discurre, jace, leua*⁷⁵.

É difícil sabermos se a existência desses traços⁷⁶ pode depor contra a suposição de que o exemplar conservado seja uma cópia da primeira metade do séc. XII, partindo do princípio de que, nesse caso, o copista teria favorecido a forma canónica (de acordo com os parâmetros do séc. XII).

Também aludia Martínez Salazar ao carácter inusual de *Ramirus* e *Silus* (por *Ranamirus* –ou *Ranimirus*– e *Silo[-onis]*), nos séculos VIII a X, como motivo para duvidar da cronologia do texto. Relativamente ao primeiro antropónimo, a documentação confirma a constatação do astorgano. A variante *Ramirus*, infrequente antes do séc. XI, veio a tornar-se quase geral a partir do séc. XII⁷⁷. A situação é diferente no caso de *Silo* vs. *Silus*; estamos apenas perante dois modelos morfológicos, anteriores ao período em foco, com diferenças na frequência e não na distribuição cronológica, sendo mais habitual o que se adscrive à terceira declinação. A adopção dessas variantes pode estar ligada àquilo que parece ser característico deste texto no âmbito da antroponímia –mas não só–, isto é, uma preferência por resultados de carácter popularizante (ou próximos do vernáculo), atestada em formas como: *Eirigus, Fonsino*

–H– simples, respetándose las anteriores solo muy esporadicamente, como se puede comprobar [...]. Parece razonable pensar que ello sea consecuencia de las reformas introducidas a partir de 1080 que acompañaron a la adopción de la liturgia romana, concretamente la reforma de la pronunciación del latín, consistente básicamente en leer todas las letras con sus consiguientes efectos en los hábitos gráficos.» (p. 547).

75 Os fenómenos referidos sob § 1 e 3 contam com uma alta frequência na documentação do período.

76 Trata-se de fenómenos similares aos observados noutros textos como a *Fundação da Igreja de Lardosa* de 882 analisada por Emiliano (1999). Discrepamos, contudo, deste último trabalho na interpretação «excessiva» de alguns aspectos gráficomicos que levam o autor a falar em queda de –n– e –l– intervocálicos ou na existência de nasalidade vocálica (por nasalação progressiva). Seria necessário demonstrar especificidade e exclusividade galego-portuguesas nos traços gráficomicos aduzidos como prova, o que não se faz.

77 Veja-se Fernández Catón (2002: 480–481).

(<(ADE)FONSUS), *Frauinu*, *Lodemirus* (<LEODEMIRUS), *Malerigus* (<MALARICUS), *Ranolfo*, *Todixu*, *Uiza* (<VITIZA). De facto, variantes como: *Frauinu*, *Malerigus*, *Ranolfo*, *Todixu* constituem exemplos de grande singularidade (mesmo únicos) face aos protótipos mais frequentes: *Flauinus*, *Malaricus*, *Ranulfus*, *Teodisclus*⁷⁸.

Encerramos esta prospecção no léxico susceptível de oferecer algum tipo informação cronológica com referência a *Currales* e a *sesicas* (Varela Sieiro 2008: 208-209, 353). A presença de *Currales* na documentação é escassa e o seu primeiro testemunho leonês situa-se num documento de 934 e em 1054 no caso do âmbito galego-português. Notemos que no *DQ* esse elemento tem valor toponímico. Referido a *sesicas*, o testemunho mais vetusto identificado num original situa-se em 882 e em 925 na documentação galega.

A interpretação do numeral da data foi objectivo central de uma boa parte das aproximações ao *DQ*. Como hipótese de partida, é suposto que houve uma intervenção nesse segmento, porém, há algumas divergências sobre os pontos concretos que essa acção terá afectado e qual foi o intuito da mesma. O elemento a que com mais recorrência se alude é o terceiro «C» e isto por três motivos: (i) a sua distância a respeito do segundo, superior à esperada, (ii) o facto de aparecer interferido por um rasto de tinta e (iii) algumas peculiaridades da sua morfologia relativamente aos que o precedem. Por outro lado, Lucas Álvarez (1958: 236), seguindo Martínez Salazar, também apontou a possibilidade de a correcção ter atingido o «D» inicial no contexto de uma intervenção mais ampla:

Pero si admitimos que el documento es una copia, los retoques de la fecha tienen una viable explicación. En efecto, a nuestro modo de ver, el escriba intentó escribir la fecha correctamente, pero se le pasó inadvertida la *D*, y cuando ya había trazado el primer rasgo de la primera *X* se dio cuenta de su olvido, y para arreglarlo, vuelve atrás y rectifica. Las soluciones podían ser dos, y parece haber intentado ambas. Una era la de hacer una llamada en el texto y poner la corrección al margen, lo que representa el signo —.|.— que ahora atraviesa el hastil de la *D* uncial ... Pero no pareciéndole esto bastante, lo que hace es trazar una *D* sobre la antigua *C* primera de las tres, cosa que resulta clara al examinar el documento, pues se advierte el refuerzo de la terminación inferior de esta letra; y de aquí también que el hastil de la letra *D* se haya trazado aparte.

Quanto às causas que puderam ser responsáveis por essa situação, falou-se numa adulteração propositada ou num erro de cópia.

Do nosso ponto de vista, não há indícios materiais suficientes para suspeitarmos que o «*d*» inicial tenha sido resultado da correcção de um «*c*» prévio. Um confronto entre as secções gráficas que compartilham essas duas letras evidencia que as incurvaturas e a alternância de finos e grossos apresentam, num e noutro caso, tamanhos e localizações diversas.

78 Veja-se Fernández Catón (2002), Boullón Agrelo (1999) e dados do *CODOLGA*.

O suposto sinal de emenda (.) não é tal, trata-se simplesmente do traço normalmente apenso ao «d» (ð) para representar de modo abreviado «de». A inércia gráfica ou a pretensão (inicial) de estampar «*in era de D...*» explica a presença dessa forma cuja impropriedade foi, contudo, notada pelo próprio escriba que, ao reparar no erro, colocou um ponto por cima de cada uma das duas metades em que a lineta ficava dividida pelo hastil.

Relativamente aos três cês, os dois primeiros apresentam uma configuração similar e ocorrem contíguos. Pelo contrário, o terceiro diverge parcialmente dos anteriores na morfologia e sucede afastado do segundo, vindo a situar-se no espaço que dista entre o segundo cê e o primeiro xis. Ao mesmo tempo, aparece interferido no seu sector esquerdo por vestígios de tinta que «parecem» anteriores a esse elemento. Portanto, é lícito suspeitarmos que houve alguma alteração nesse segmento do numeral. Em conformidade com o que tem vindo a ser dito ao longo deste trabalho, a solução interpretativa mais económica sugere que a intervenção consistiu na supressão do (hipotético) quarto *C* e na deslocação do terceiro para a direita⁷⁹, com o qual estaremos perante um diploma datado de 888 (Era 926). Trata-se apenas de uma conjectura cuja aproximação à realidade só poderia ser, parcialmente, matizada por uma análise da tinta. Seja como for, as características do texto e o relacionamento com as escrituras citadas quadram, em boa medida, com essa (nova) colocação temporal.

6. Conclusão

Se essa proposta for aceite, teremos de admitir que não há, por enquanto, argumentos suficientes para negarmos categoricamente estatuto de original ao exemplar do *DQ*. Com efeito, se o acto documental remonta a finais do séc. IX e o espécime conservado pode também ser situado nessa época, desaparecem alguns dos motivos que facultaram considerá-lo cópia. Alias, a presença das confirmações dos «reis» Ramiro e Silo deixa de ser motivo de suspeita para se converter paradoxalmente num indício a favor da autenticidade do texto. Ora bem, visto que no *DQ* se regista uma aquisição efectuada por três indivíduos (Cacaril, Gondemaro e Fonsino), é possível que nos encontremos perante uma versão, aproximadamente coetânea do «original», elaborada para algum dos compradores, facto que explica algumas características do documento⁸⁰.

79 De facto, o espaço que medeia entre o segundo «C» e o primeiro «X» é suficiente para ter integrado dois elementos (CC). A mudança introduzida pode ser representada graficamente deste modo: DCCCCXVI => DCC C XVI.

80 Portanto, poderemos, com as reservas necessárias, considerá-la como a sexta escritura mais antiga das conservadas no âmbito do antigo reino galaico-português. Eis as que provavelmente são as nove cartas originais mais vetustas desse espaço: (i) 861-Maio-15 (Arquivo da Catedral de Lugo, pergaminhos, nº 1/A), (ii) 861-Junho-5 (Arquivo da Catedral de Lugo, pergaminhos, nº 1/B), (iii) 861-Junho-5 (Arquivo da Catedral de Lugo, pergaminhos, nº 1/C), (iv) 878 (Arquivo da Universidade de Santiago, S. Martinho, pergaminhos, nº 2), (v) 882-Março-27 (Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo, Mostº de Cete, maço 1, nº 1),

Do ponto de vista histórico, cumpre salientar a grande transcendência do *DQ* e do conjunto diplomático caracterizado pela presença dos «reis» Silo e Ramiro para o conhecimento da história particular da Galiza, nomeadamente do condado de Deza, no obscuro período da nossa Alta Idade Média. Tais documentos poderão reflectir um tipo de organização administrativa singular que se extinguiu em finais do séc. IX.

7. Documentos

Como complemento necessário, publicamos esses três diplomas em que o rei Silo aparece mencionado: o *DQ* e as escrituras de 958 e 968 de que são titulares Bermudo e Nuno, netos de Silo. Em todos os casos, as nossas leituras tomaram como ponto de partida os originais, mas reconhecemos os contributos e sugestões das edições prévias (Lucas Álvarez 1958, 2001 e Sáez & Sáez 1996), nomeadamente para aqueles pontos –muito numerosos– em que a mancha gráfica se encontra total ou parcialmente apagada. Os documentos são apresentados em duas versões de modo a permitir o acesso a eles por parte de investigadores com interesses diversos. A primeira reproduz as características do original susceptíveis de reprodução mecânica mas sem introduzir glifos diferentes aos utilizados actualmente⁸¹. A segunda versão prescinde da maior parte da informação modal e aproxima a representação gráfica das práticas que hoje vigoram.

1

888 (?), Fevereiro, 24.

AHUS, S. Martinho, Pergaminhos, nº 1.

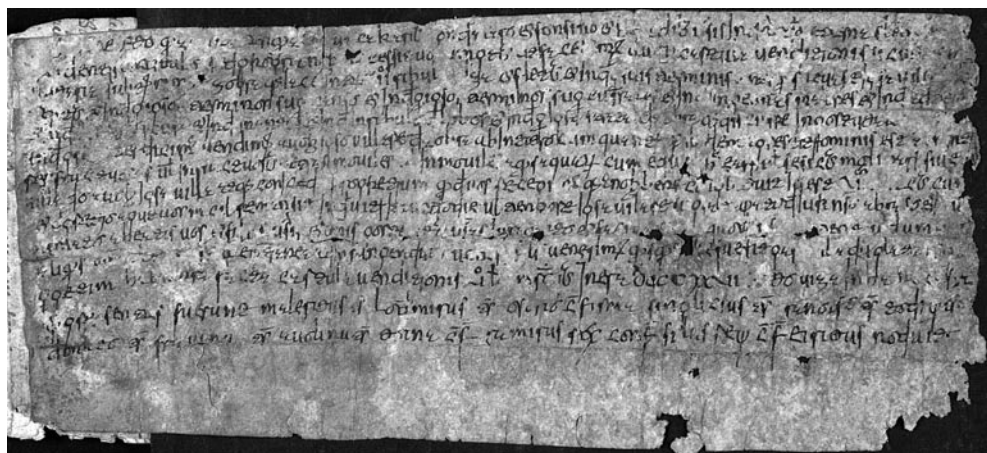
Quiza Gonteriquiz vende conjuntamente a Cacaril, a Gondemaro e a Fonsino a vila da Nogueira e/ou (o) vilar de Zobra.

1.1

[In dei nomi]ne ego quiz[a gon]teriquiz <..> [ti]ui cakaril<.> [g]ondemaro et fonsino et heredibus uestris In domino deo eterna salu[tem] <..> <--> ¹² [sua]dentjs artigo sed propria nobis accessit uo[lu]mptas ut faceremus a uobis cartula uenditjonis sicut <..> <--> ¹³ nugaria

(vi) 888-Fevereiro-24 (?) (Arquivo da Universidade de Santiago, S. Martinho, pergaminhos, nº 1), (vii) 888-Março-19 (Arquivo da Catedral de Ourense, Escrituras, maço 14, nº 65), (viii) 897-Fevereiro-21 (Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo, Mostº de Pedroso, maço 1, nº 1), (ix) 898 (Arquivo da Universidade de Santiago, S. Martinho, pergaminhos, nº 3).

81 Seguimos os princípios adoptados em Souto Cabo (2008). Lembremos, contudo, algumas pautas de codificação: <texto> = leituras problemáticas, <..> = texto apagado ou ilegível, <--> = suporte mutilado, [texto] = texto reconstituído, (texto) = texto desnecessário.



subtus mon[te] zobra que iace inter II^{os} ribul[os] deza et fletas et Inde per suis terminis anti-
 quis leua se Ipsa uilla <..> <--> ¹⁴ [o]rditas et Inde per ipso[s] terminos super causo et Inde
 per ipsos terminos super currales et Inde In pennas <maiores> et Inde ad ter<..> <--> ¹⁵ et
 <Inde ..u.. scura> et Inde In anta et Inde In ribulo de lobos et Inde per Ipsa strata <de zobra>
 que discurre In portugale <..> <--> ¹⁶ unde pri[mi]ter dicimus uendimus a uobis Ipso uillare de
 zobra ab Intigro cum quantum que Ib[i]dem a prestitum omnis est <..> <--> [arbo]¹⁷res fructu-
 osas uel infructuosas petras mouiles uel Inmouiles aquis aquarum cum educ[ti]bus earum uel
 sesicas molinarum siue <--> ¹⁸ uilla do a uobis Ipsa uilla atque conced[o] pro pretium qui de
 uos recepimus que a nobis bene conplaguit Id est V[II]^{em} [u]acas cum <--> ¹⁹ et de pretjo aput
 uos nicil remansit In deuitum Ita ut de odie uel tenpore Ipsa uilare suprataxato de Iure nostro
 abraso et i[n] u[est]ro <--> ¹¹⁰ <translato> abeatis uos et <filiis uestris> et omnis poste[ri]tas
 uestras Iuri quieto et facia[tis] <..> quod <..>erit uoluntas <.. um ..> <--> ¹¹¹ aliquis <omo ..>
 uel extranea ad inrunpendum uenerit uel uenerimus quisquis <--> fuerit par[iet] I[ll]a duplata
 <--> ¹¹² perpetim habitura facta cartula uenditionis V^o kalendas marcias In era DCC C XXVI:
 [e]go uiza In hanc carta <--> ¹¹³ qui presentes fuerunt malerigus testis lodemirus testis osorio
 confirma simpliciis testis ranolfo testis todixu <--> ¹¹⁴ donato testis frauinu testis auolinu testis
 goina confirma ramirus rex confirma silus rex confirma eirigus noduit.

1.2

In Dei nomine. Ego Quiza Gonteriquiz <..> tiui Cakaril<..>, Gondemaro et Fonsino et
 heredibus uestris, in domino Deo, eterna salutem, <..> <--> suadentis artigulo sed propria
 nobis accessit uolumptas ut faceremus a uobis cartula uenditionis sicut <..> <--> Nugaria
 subtus monte Zobra que iace inter II^{os} ribulos: Deza et Fletas, et inde per suis terminis anti-
 quis leua se ipsa uilla <..> <--> ¹⁴ Orditas, et inde per ipsos terminos super Causo, et inde per

ipsos terminos *super* Currales, et inde in Pennas Maiores, et inde ad ter<.> <--> et <inde ..u.. Scura>, et inde in Anta, et inde in Ribulo de Lobos, et inde *per* ipsa strata de Zobra *que* discurre in Portugale <.> <-->, unde pri[mi]ter dicimus. Uendimus a uobis ipso uillare de Zobra, ab intigro, cum quantum *que* ibidem a prestitum ominis est <.> <--> arbores fructuosas uel infructuosas, petras mouiles uel inmouiles, aquis aquarum cum eductibus earum uel sesicas molinarum siue <--> uilla. Do a uobis ipsa uilla atque concedo pro pretium *qui* de uos recepimus, *que* a nobis bene conplaguit, id est VII^{em} uacas cum <-->. Et de pretio apud uos nicil remansit in *deutum*. Ita ut, de odie uel tenpore, ipsa uillare suprataxato de iure *nostro* abraso et in uestro <--> translato. Abeatis uos et filiis *uestris* et omnis posteritas *uestras* iuri quieto et faciatis <.> quod <.> erit uoluntas <.. um ..> <--> aliquis <omo ..> uel extranea ad inrumpendum uenerit uel uenerimus *quisquis* <--> fuerit pariet illa duplata <--> perpetim habitura.

Facta cartula uenditionis V^o kalendas Marcias, in era DCC C XXVI.

Ego Uiza in hanc carta <--> *qui* presentes fuerunt: Malerigus *testis*, Lodemirus *testis*, Osorio *confirma*, Sinplicius *testis*, Ranolfo *testis*, Todixu <-->, Donato *testis*, Frauinu *testis*, Auolinu *testis*. Goína *confirma*, Ramirus rex *confirma*, Silus rex *confirma*. Eirigus noduit.

2

958.

AHDS, S. Martinho, pasta 79, nº 3.

Bermudo, descendente de Silo, e a mulher oferecem ao mosteiro de Carboeiro a herdade chamada «Parata Felici».

2.1

In nomine patris et filii *que* hac ex ambobus precedentem *spiritum sanctum* qui simul unus In trinitate *deus* seculi dicitur et *trinus* In unitate una fides et sinzera karitas predigatur In *culus* amore et onore ¹² baselica fundata esse dignoxitur In loco *que* uocitant Karuonarjo. Iusta ribulo deza prouincie gallecie siue In onore *sanctorum* sisti *episcopi* laurenti arcidiaconi. et aliorum *martirum* quorum ¹³ Ibidem sunt relique recondite Nos exiguis *famulis* *que* *uestris* ueremodus prolix silonia <.> placuit nobis adque conuenit bone pacis uoluntas ut <faceremus ad> Ipsum locum ¹⁴ Iam supra *nominatum* et ad *fratres* *qui* ibidem sunt abitantes ut <facerem.. ..> facimus ad Ipsum locum kartula testamenti <.> de uilla ¹⁵ *que* uocitant parati felici *que* <abemus> de pater *nostro* silone et mater <.> contra mutata quum erme<g>islu et uxori sue <killu In muras *que* uobis> aduindicamus et contra¹⁶ mutamus ante regi *domno* hor-doni et comite *domno* petro. quumque obtinentes ipsa <uilla media ..urgalani> et media *frater* tunc uenimus Inde ad Iudicio ante <.> quod de sursum resonat> ¹⁷ agnouí me ego ueremodus In ueritate et adsignauit ad illo abbate et ad filiis burbala<ni> sagionem In uilla kanneta mea

propria et sue perreximus <que illis .. pariter ..>omum patris mei ¹⁸ siloni et adsignauimus illis VIII^{em} mazanarias cum suo terreno et duos agros de III III modios seminata et In alio logo ubi dicent in ipsa uilla pumare trasalli <simili modo VIII^{em}> mazanaria ¹⁹ cum suo terreno et suo exitu et pro It facimus Inde huc <.. inter nos ut daremus> ad ipso loco <..> et ad *fratres qui* Ibidem In uita *sancta* <perseuerauerint> ¹¹⁰ de parentela quam de comparata etjam et de contra mutata pro remedio anime mee et parentum *nostris* si quis tamen quod absit que generi <..enerit> ¹¹¹ ad Inrumpendum tam extraneis quam etiam et propinquis *nostris* de It quod supra taxauimus <eglesie> *sancte* et fratris qui ibidem habitauerint <.. esse aduersum> ¹¹² In primis sit excommunicatus ad corpus et sanguinis domini nostri Ihesu Christi et cum Iuda traditore abeat participium In <eter..> ¹¹³ quantum <..> auferre conauerit et ipse *eglesie* uindictet et In perpetuum possessura: Facta scriptura donationis <..> ¹¹⁴ Era DCCCCLXUI. Ueremudus Siloni /et uxor mea/ In hoc testamenti scriptura donatjonis *quam* fjerj uolo <a me facta ..> ¹¹⁵ qui presentes fuerunt quando domno ueremudo Isto testamento rouorauimus Atane abba *confirmat* <..>geredus *confirmat* Ansemir<..> ¹¹⁶ *confirmat* <ostro ..> testis uilio <..> hic *testis* uilidiato hic *testis* Gendello hic *testis* desteridus *diaconus*.



2.2

In nomine Patris et Filii que hac ex ambobus precedentem Spiritum Sanctum, qui simul unus in Trinitate Deus seculi dicitur et trinus in unitate; una fides et sinzera karitas predigatur, in cuius amore et onore baselica fundata esse dignoxitur in loco que uocitant Karuonario, iusta ribulo Deza, prouincie Gallecie, siue in onore sanctorum Sisti episcopi, Laurenti arcidiaconi et aliorum martirum quorum ibidem sunt relique recondite. Nos exiguis famulis que uestris Ueremudus, prolix Silonia <..>, placuit nobis adque conuenit bone pacis uoluntas ut faceremus ad ipsum locum, iam supra nominatum, et ad fratres qui ibidem sunt abitantes ut <faciorem.. ..> facimus ad ipsum locum kartula testamenti <..> de uilla que uocitant Parati Felici, que abemus de pater nostro Silone et mater <..> contramutata quum Ermegislu et uxori sue Killu in Muras que uobis aduindicamus et contramutamus ante regi domno Hordoni et comite domno Petro, quumque obtinentes ipsa <uilla media ..Urgalani> et media frater,

tunc uenimus inde ad iudicio ante <..> quod de sursum resonat> agnoui me ego Ueremudus in ueritate et adsignauit ad illo abbate et ad filiis Burbalani sagionem in uilla Kanneta mea propria et sue perreximus <que illis .. pariter ..>omum patris mei Siloni et adsignauit illis VIII^{em} mazanarias cum suo terreno et duos agros de III III modios seminata, et in alio logo ubi dicent in ipsa uilla Pumare Trasalli <simili modo VIII^{em}> mazanaria cum suo terreno et suo exitu. Et pro it facimus inde huc <.. inter nos ut daremus> ad ipso loco <..> et ad fratres qui ibidem in uita sancta <perseuerauerint>, de parentela quam de comparata etiam et de contramutata, pro remedio anime mee et parentum nostris.

Si quis tamen, quod absit, que generi <..enerit> ad inrumpendum, tam extraneis quam etiam et propinquis nostris, de it quod supra taxauimus eglesie sancte et fratris qui ibidem <habituauerint .. esse aduersum>. In primis sit excommunicatus ad corpus et sanguinis Domini nostri Ihesu Christi et cum Iuda traditore abeat participium in <eter..> quantum <..> auferre conauerit et ipse eglesie uindicet et in perpetuum possesura.

Facta scriptura donationis <..>. Era DCCCCLXLUI.

Ueremudus Siloni et uxor mea in hoc testamenti scriptura donationis quam fieri uolo <a me facta ..>. Qui presentes fuerunt quando domno Ueremudo isto testamento rouorauit: Atane abba confirmat. <..>geredus confirmat. Ansemir<..> confirmat. <ostro ..> testis. Uilio <..> hic testis. Uilidiato hic testis. Gendello hic testis. Desteridus diaconus.

3

968, Fevereiro.

C. AHN, S. Martinho Pinario, pasta 518, nº 1.

Nuno diácono, filho de Silo e neto de Silo, cede ao mosteiro de Ante-Altars a vila de Filgueira e outras propriedades no vale de Deza.

IN NOMINE PATRIS ET FILII UIDILICET SPIRITUS SANCTI QUI EST TRINUS IN UNUM PER NUNQUAM FINIENDAM SEMPER SECULA [SECLORUM]. AMEN. EGO NUNUS DIACONUS QUONDAM PROLIX SILONI PLACUIT MICH DEUOTO ANIMO ET PROPRIA ¹² <uo>lumptate ut facerem textum scripture testamenti et donatjonis de hereditates meas proprias quas habeo In uall[e] de dez[a] <..> uocitata felgaria cognomento silonj quod fuit de pater meus domnus <silo> ipsa uilla quomodo iacet ab omni Integritate per¹³ suos terminos antiquiores et cum suis uillares que foris sunt de ipsos terminos de ipsa uilla cum domos et edificia et homines et cria[tiones] <..> uilla conmorantes. et cum ecclesia In illa uilla sancta eolalia ab auis meis fundata cum omnes suos dextros ¹⁴ <in> omnique giro. sic eam concedo deo omnipotenti et beatissime marie uirgini. necnon et apostolis dei petro et paulo et Iacobo et sancto thom[a] <et sancto nicholao episcopo> et monasterio quod antealtarios uocatur. et fratribus In uita sancta

perseuerantibus ut ipsi *sancti* dei Intercedant pro me et pro ¹⁵peccatis meis et ut ipsi *fratres* ibidem habitantes habeant [I]nde subsidium *temporalem*. et ego uitam *eternalem*. omnia <uero supradicta dono et offero> per su[os] terminos et loca antiqua. In illo loco quomodo diuidit de uergazos per illam aquam que Intrat In <flubio de> ¹⁶beruia de illa fonte de inter mamolas. et Inde In [d]irecto ad finaelo que separat se de uarzena et inde per illum <..> In prono [u]sque In portum lagenas ubi Iacet lagena concaua et scripta. que sparte Ipsam aquam per *mediam* sicut sulcus <demonstrat> ¹⁷<que Iacet> In ipsa aqua. et Inde In directo per ipsum f[ontan]um In prono usque In montem altum et Inde per illum uallinum que <..> montem altum et se[rra] de seixas usque ferit In beruia. et tres partes de uilla perselli sicut est circumdata de illa aqua de la¹⁸genela et de illa de beruia. sicut ipsa aqua de lagen[ela u]adit In prono usque ad dezu[m]. et de alia parte de ipso <..> et inde per ipsam aquam de beruia in festo <.. illum> uallinum que est Inter montem altum et serra de seix[as et] ¹⁹<inde> ad supradictos terminos de donsyon per ipsam aquam [d]e dezum usque ad terminos de uilla mala et Inde In directo ad ill[am] <..> petras natiuas que stant super uillam malam <et .. r.xoy> que est nadiua sculta et scripta. [et inde] ¹¹⁰per penelas que sparte Inter felgeiras et donsion. que est nadiua sculta et scripta. et Inde per petra de monte mediano <.. et> Inde ad retorta de portu de cusanca. et Inde ad <penna> de don oduario sculta et scripta ubi stat illa arca ¹¹¹<non> minima et inde in prono In directo ad petra nadiua que est sculta et scripta. et Inde ad aural ubi Iacet petra <scripta .. et inde> ad molendinum de uimara baltariz et Inde ad terminos <de uergazos et de> uilla ouali .X^a. et de uilla uergazos .X^a. ¹¹²et de uilla mala totam ipsam hereditatem quam ibi gadanauit auus meus rex don silus. sic concedo et offero post partem monasterii <de antealtarios> omnia ista. ¹¹³si quis autem quod fieri non credo de mea gente quam de extranea contra hoc meum spontaneum factum et testamentum <..> uenerit uel attenuauerit (sic) sit maledictus et <excommunicatus> et ab omni cetu xpianorum segregatus et lumen <ocu¹¹⁴lorum> careat et dum (sic) datam et abiron habeat partem In eterna dampnatione. et nunquam In iherusalem celesti uideat <.. et pro ausu> temeritatis sue pariat post partem ipsius monasterii ipsas uillas duplatas uel triplatas et sex libras auri regie parti ¹¹⁵<.. et hoc> meum testamentum deo <datum in cunctis> obtineat roborem. adicio etjam homines habitantes In ipsa uilla <..> post partem ipsius monasterii cum ipsa uilla ut faciant <..> sicut soliti erant facere. ¹¹⁶<facta scriptura testamenti uel donationis .. concessa sub era I^a VI^a et .. february.> ¹¹⁷[n]unus diaconus prolix silonis In hac serie testamenti <manum meam> confirmo ¹¹⁸<osorius> romarici confirmat <..> silonici confirmat <guntericus iustiz> confirmat <nunus ermiaziz> confirmat ¹¹⁹fernandus guteriz confirmat <sarracinus> confirmat Uisclamundus presbiter confirmat. ¹²⁰aldebredus abba confirmat azendon confirmat <..> diaconus confirmat. gundesindus diaconus confirmat. ¹²¹nunnus ranem<..> confirmat <..> froilo. petrus testis. aloitus testis. osorius testis. renamirus testis. cresconius testis ¹²²renamirus diaconus confirmat et notuit.

3.2

In nomine Patris et Filii, uidelicet Spiritus Sancti, qui est trinus in unum, per nunquam finiendam semper secula seculorum. Amen. Ego Nunus diaconus, quondam prolix Siloni, placuit michi, deuoto animo et propria uoluptate, ut facerem textum scripture testamenti et donationis de hereditates meas proprias quas habeo in ualle de Deza, <..> uocitata Felgaria, cognomento Siloni, quod fuit de pater meus domnus Silo. Ipsa uilla quomodo iacet ab omni integritate per suos terminos antiquiores et cum suis uillares que foris sunt de ipsos terminos de ipsa uilla, cum domos, et edificia, et homines, et criationes <..> villa conmorantes, et cum ecclesia in illa uilla Sancta Eolalia, ab auis meis fundata, cum omnes suos dextros in omnique giro. Sic eam concedo Deo omnipotenti et beatissime Marie Uirgini, necnon et apostolis Dei Petro, et Paulo, et Iacobo, et sancto Thoma, et sancto Nicholao episcopo, et monasterio quod Ante-Altarios uocatur et fratribus in uita sancta perseuerantibus, ut ipsi sancti Dei intercedant pro me et pro peccatis meis, et ut ipsi fratres ibidem habitantes habeant inde subsidium temporalem et ego uitam eternalem.

Omnia uero supradicta dono et offero per suos terminos et loca antiqua in illo loco quomodo diuidit de Uergazos, per illam aquam que intrat in flubio de Beruia de illa fonte de inter mamolas, et inde in directo ad Finaelo que separat se de Uarzena, et inde per illum <..> in prono usque in portum Lagenas, ubi iacet lagena concaua et scripta que sparte ipsam aquam per mediam sicut sulcus demonstrat que iacet in ipsa aqua, et inde in directo per ipsum fontanum in prono usque in Montem Altum, et inde per illum uallinum que <..> Montem Altum et serra de Seixas, usque ferit in Beruia; et tres partes de uilla Perselli sicut est circumdata de illa aqua de Lagenela et de illa de Beruia, sicut ipsa aqua de Lagenela uadit in prono usque ad Dezum, et de alia parte de ipso <..> et inde per ipsam aquam de Beruia in festo <..> illum uallinum que est inter Montem Altum et serra de Seixas et inde ad supradictos terminos de Donsyon per ipsam aquam de Dezum usque ad terminos de Uilla Mala et inde in directo ad <..> petras natiuas que stant super Uillam Malam, <et .. R.xoy> que est nadiua sculta et scripta, et inde per Penelas que sparte inter Felgeiras et Donsion, que est nadiua sculta et scripta, et inde per petra de Monte Mediano <..> et inde ad retorta de Portu de Cusanca, et inde ad Penna de Don Oduario, sculta et scripta, ubi stat illa arca non minima, et inde in prono in directo ad petra nadiua que est sculta et scripta, et inde ad Aural, ubi iacet petra scripta <..>, et inde ad molendinum de Uimara Baltariz, et inde ad terminos de Uergazos. Et de uilla Ouali X^a, et de uilla Uergazos X^a, et de Uilla Mala totam ipsam hereditatem quam ibi gadanauit auus meus, rex don Silus. Sic concedo et offero post partem monasterii de Ante-Altarios omnia ista.

Si quis autem, quod fieri non credo, de mea gente quam de extranea contra hoc meum spontaneum factum et testamentum <..> uenerit uel attenuauerit (sic), sit maledictus et excommunicatus et ab omni cetu christianorum segregatus, et lumen oculorum careat et dum (sic) Datam et Abiron habeat partem in eterna dampnatione, et nunquam in Iherusalem celesti uideat <..> et pro ausu temeritatis sue pariat post partem ipsius monasterii ipsas uillas dupla-

tas uel triplatas et sex libras auri regie parti <..> et hoc meum testamentum Deo datum in cunctis obtineat roborem. Adicio etiam homines habitantes in ipsa uilla <..> post partem ipsius monasterii cum ipsa uilla, ut faciant <..> sicut soliti erant facere.

Facta scriptura testamenti uel donationis .. concessa sub era I^a VI^a et .. Februarii.

Nunus diaconus, prolix Silonis, in hac serie testamenti manum meam confirmo. Osorius Romarici confirmat. <..> Silonici confirmat. Guntericus Iustiz confirmat. Nunus Ermia-
riz confirmat. Fernandus Guteriz confirmat. Sarracinus confirmat. Uisclamundus presbiter confirmat. Aldebredus abba confirmat. Azendon confirmat. <..> diaconus confirmat. Gundesindus diaconus confirmat. Nunnus Ranem<..> confirmat. Froilo <..> confirmat. Petrus testis. Aloitus testis. Osorius testis. Renamirus testis. Cresconius testis. Renamirus diaconus confirmat et notuit⁸².

Bibliografia

- Ares Vázquez, N. (2004). Os nomes das parroquias de Lalín. *Descubriendo Deza*, 6: 133-143.
- Barrau-Dihigo, L. (1899). [Resenha a Friedel (1899): La plus ancienne charte de La Bibliothèque de l' Université Compostellane]. *Revue Hispanique*, 6: 518-521.
- Barrau-Dihigo, L. (1921). Recherches sur l' histoire politique du royaume asturien (718-910). *Revue Hispanique*, 52: 1-360.
- Boullón Agrelo, A. I. (1999). *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Buján Rodríguez, M. M. (1996). *Catálogo archivístico del Monasterio de Benedictinas de San Payo de Ante-Altas*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago.
- Cañizares, B. (1946). Onomástico de lugares de Deza mencionados antes del siglo XV. *El Museo de Pontevedra*, IV: 74-101.
- CODOLGA (Corpus Documentale Latinum Gallaeciae) = <http://balteira.cirp.es/codolga/>.
- Emiliano, A. (1999). O mais antigo documento latino-português (882 a. D.) -edição e estudo grafêmico-. *Verba*, 26: 7-42.
- Emiliano, A. (2003). *Latim e romance na segunda metade do século XI. Análise scripto-linguística de documento notariais do Liber Fidei de Braga de 1050 a 1110*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- Fernández Catón, J. M. (2002). *Index Verborum de la documentación medieval leonesa. Archivo Catedral de León (775-1300)*. Vol. II. Leão: Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro» (2 vols.).
- Floriano Cumbreiro, A. C. (1946). *Curso general de Paleografía y Paleografía y Diplomática españolas. Selección diplomática*. Oviedo (2 vols).
- Floriano Cumbreiro, A. C. (1951). *Diplomática española del periodo astur*. Tomo II. Oviedo: Imprenta de la Cruz.

82 Osorius Romarici e o presbítero Visclamundus ocorrem em documentos do Tombo de Sobrado durante a segunda metade do séc. X (Loscertales de Garcia de Valdeavellano 1976: [Osorius Romarici] vol. 1, p. 129, nº 107, ano 968; [Visclamundus presbiter] vol. 1, pp. 83, 133, 137, nº 49, 109, 137, anos 966-999, 995?).

- Friedel, V. H. (1899). La plus ancienne charte de la Bibliothèque de l' Université Compostellane. *Revista de Archivos Bibliotecas y Museos*, 3 (3ª série): 585-600.
- García Leal, A. (2007). *El diploma del rey Silo*. Corunha: Fundación Barrié de la Maza.
- López Ferreiro, A. (1903a). Galicia en los primeros siglos de la Reconquista. *Galicia Histórica II* (pp. 676-680, 772-774). Santiago: Tipografía Galaica.
- López Ferreiro, A. (1903b). [Resposta a Martínez Salazar]. *Colección Diplomática de Galicia Histórica II* (pp. 616-627). Santiago: Tipografía Galaica.
- Lopez Teixeira, X. A. (2003). *Arredor da conformación do Reino de Galicia (711-910)*. Noia: Toxosoutos.
- Loscertales de García de Valdeavellano, P. (1976). *Tumbos del monasterio de Sobrado de los Monges*. Madrid: Dirección General del Patrimonio Artístico y Cultural - Archivo Histórico Nacional.
- Lucas Álvarez, M. (1948). Catálogo de los documentos en pergamino existentes en el Archivo de la Universidad de Santiago de Compostela. Sección 2ª. Fondo del antiguo monasterio de San Martín Pinario. *Boletín de la Universidad de Santiago*, 50-51: 97-131.
- Lucas Álvarez, M. (1958). La colección diplomática del monasterio de San Lorenzo de Carboeiro. *Compostellanum II*, 4 (1957): 199-223; III, 4 (1958): 291-308, 547-638.
- Lucas Álvarez, M. (1995). *El reino de León en la Alta Edad Media. VIII. La documentación real astur-leonesa (718-1072)*. León: Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro» - Caja España de Inversiones - Archivo Histórico Diocesano.
- Lucas Álvarez, M. (1999). *El Archivo del Monasterio de San Martiño de Fóra o Pinario de Santiago de Compostela*. Santiago: Seminario de Estudos Galegos (2 vols.).
- Lucas Álvarez, M. (2001). *San Paio de Antealtares, Soandres y Toques: tres monasterios medievales gallegos*. Sada: Edición do Castro.
- Machado, J. P. (1993). *Dicionário Onomástico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Horizonte [1984 1ª ed].
- Martínez Salazar, A. (1903). ¿Los documentos más antiguos de España?. Em *Galicia Histórica*, II: 784-799.
- Mendo Carmona, C. (2002). *La escritura como vehículo de cultura en el reino de León (siglos IX-X)*. Tese em CD-ROM. Madrid: Universidad Complutense [1993].
- Millares Carlo, A. 1983. *Tratado de Paleografía Española*. Madrid: Espasa Calpe [1ª ed. 1932].
- Murguía, M. (1891). *Historia de Galicia*. Vol. IV. Corunha: Eugenio Carré.
- Navaza Blanco, G. (1998). Algúns antrotopónimos do concello de Lalín. Em D. Kremer, *Homenaxe a Ramón Lorenzo*, vol. II (pp. 903-914). Vigo: Galaxia.
- Portela Silva, E. & Pallares Méndez, M. C. (1995). El sistema antroponímico en Galicia. Tumbos del Monasterio de Sobrado. Siglos IX a XIII. Em P. Martínez Sopena: *Antroponimia y Sociedad. Sistemas de identificación hispano-cristianos en los siglos IX e XIII*. Santiago: Universidade de Santiago - Universidad de Valladolid.
- Puentes Romay, J. A. (1996). Las formas *mici* y *nicil* en la documentación latina altomedieval y cuestiones conexas. Em *De Roma al siglo XX* (vol. I, pp. 545-550). Madrid: Sociedad de Estudios Latinos - UNED - Universidad de Extremadura.
- Romaní Martínez, M. (1989). *Colección diplomática do mosteiro cisterciense de Sta María de Oseira (Ourense)*. Santiago: Tórculo.
- Sáez, E. & Sáez, C. (1996). El documento de Quiza Gonteríquiz. *Signo*, 3: 69-86.

- Souto Cabo, J. A. (2008). *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. Revista Galega de Filoloxía. Monografía 5. Corunha: Universidade da Coruña.
- Souto Cabo, J. A. (2009). Testes ad probandum contra Velasco Pedriz. Em M. Brea (coord.), *Pola melhor dona de quantas fez Nostro Senhor. Homenaxe a Giulia Lanciani*. Santiago: Centro Ramón Piñeiro para a investigación en humanidades, pp. 405-419.
- Toustain, C. F. & Tassin, R. P. (1752). *Nouveau Traité de Diplomatie* (vol. III). Paris: Guillaume Desprez - Pierre Guillaume Cavalier [6 vols. 1750-1765].
- Varela Sieiro, X. (2008). *Léxico cotián na alta Idade Media de Galicia: a arquitectura civil. Anexo 62 de Verba*.